

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG
CAMPUS PEDREIRAS

FRANCISCO DHEYSON MORAES DE SOUSA

ANGÚSTIA E MEMÓRIA: a crise existencial do ser em Luís da Silva na obra *Angústia* de Graciliano Ramos

Pedreiras – MA

2024

FRANCISCO DHEYSON MORAES DE SOUSA

ANGÚSTIA E MEMÓRIA: a crise existencial do ser em Luís da Silva na obra *Angústia* de Graciliano Ramos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Pedreiras para o grau de licenciatura.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

Pedreiras – MA

2024

Sousa, Francisco Dheyson Moraes de.

Angústia e Memória: a crise existencial do ser em Luís da Silva na obra Angústia de Graciliano Ramos / Francisco Dheyson Moraes de Sousa. – Pedreiras, MA, 2024.

54 f

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, MA, 2024.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

1.Angústia. 2. Memória. 3. Luís da Silva. 4.Decadente. 5. Fragmentado. I.Título.

CDU: 070.422

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

FRANCISCO DHEYSON MORAES DE SOUSA

ANGÚSTIA E MEMÓRIA: a crise existencial do ser em Luís da Silva na obra *Angústia* de Graciliano Ramos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Pedreiras para o grau de licenciatura.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

Aprovação em: 31 /07/ 2024

Documento assinado digitalmente
 FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA
Data: 21/10/2024 10:04:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

ORIENTADOR

Documento assinado digitalmente
 RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA
Data: 24/10/2024 08:57:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite

1º EXAMINADOR

Documento assinado digitalmente
 RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA
Data: 05/11/2024 10:08:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Rubenil da Silva Oliveira

2º EXAMINADOR

A Deus Meu Porto Seguro e Refúgio sempre e
minha família que está sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que é meu refúgio e minha fortaleza, guia-me e me dar forças todos os dias.

Ao meu orientador Francinaldo Pereira da Silva que foi um ser de luz essencial nos momentos da minha construção enquanto acadêmico e na área da pesquisa, quero levá-lo para sempre no meu coração.

À Universidade Estadual do Maranhão – Campus Pedreiras por me proporcionar aulas com professores capacitados.

À minha família, em especial à minha mãe, Maria de Fátima, por ser meu tudo, com quem troco confidências, ouve-me e aconselha-me.

À minha amiga maravilhosa, Kênnia de Cassia que proporcionou momentos incríveis de descontração e parceria, também trocamos muitas confidências que só nós saberemos, fizemos uma amizade linda e eterna. Te amo!

Amo todos vocês!

Entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranquilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou (Ramos, 2023, p. 24).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os aspectos da crise existencial da personagem fragmentada Luís da Silva da obra *Angústia*, a fim de relacionar sua angústia e memórias com sua visão decadente do mundo. Nesse viés, julga-se oportuno salientar que Luís da Silva tem seu processo de construção mediante aos modelos exigidos ao homem do século XX, todavia, é um indivíduo considerado emblemático por travar consigo e com o mundo sua angústia existencial. Sendo assim, *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, promove o diálogo de forma verossímil ao monólogo do herói decadente. Para além disso, o personagem aparece fragmentado em detrimento dos aspectos voltados à angústia e memórias que são trazidos à tona em seu monólogo. Para tanto, a escolha da temática justifica-se pela leitura feita e por ser um romance com um olhar mais direcionado às identidades do homem (pós) moderno em situação conflitante consigo. Por consequência disso, apresenta-se para discussão os postulados teóricos de Bauman (2004; 2011); Berman (1986); Halbwachs (1990); Freud (2014); Hall (2006); Kierkegaard (2017); Lacan (2005); Pollak (1992); Sartre (2007) trazendo considerações antes do momento da análise. Ademais, o segundo momento conta com discussões diversas sobre a estética modernista, a trajetória e fortuna do autor seguidas da crítica por ser antes de tudo uma apresentação para a análise. Dessa maneira, o momento determinou a leitura e releitura do romance *Angústia*, revisitando Ramos (2023); Bosi (2015); Candido (2006); Velloso (2010); Moisés (2019). Consequentemente, a análise está dividida em três capítulos, nos quais são desenvolvidos sobre os conceitos teóricos, partindo para os discursos sobre o autor, a obra e a crítica, refletidas na análise de fragmentos de *Angústia*, relacionando-os aos aspectos de angústia e memórias do personagem fragmentado e decadente. Como resultados, ressalta-se que Luís da Silva se confirma como um personagem construído com fragmentos e decadência, sua trajetória marca seu conflito com a existência no mundo moderno, o monólogo do personagem funde em idas imediatas ao passado como apelo para se distanciar do sofrimento no presente. As lembranças são o ponto para essa libertação até certo modo cômodo, mas logo se fundem com as situações do meio presente que acaba abalando ainda mais a consciência de Luís da Silva.

PALAVRAS-CHAVE: Angústia; Memória; Luís da Silva; Decadente; Fragmentado.

ABSTRACT

This work aims to analyze aspects of the existential crisis of the fragmented character Luís da Silva from the work *Angústia*, in order to relate his anguish and memories with his decadent view of the world. In this sense, it is considered opportune to highlight that Luís da Silva's construction process was based on the models required of 20th century man, however, he is an individual considered emblematic for facing his existential anguish within himself and with the world. Therefore, *Angústia* (1936), by Graciliano Ramos, promotes dialogue in a believable way to the monologue of the decadent (anti) hero. Furthermore, the character appears fragmented to the detriment of the aspects focused on anguish and memories that are brought to the surface in his monologue. To this end, the choice of theme is justified by the reading done and because it is a novel with a more focused look at the identities of (post)modern man in a conflicting situation. Consequently, the theoretical postulates of Bauman (2004; 2011) are presented for discussion; Berman (1986); Halbwachs (1990); Freud (2014); Hall (2006); Kierkegaard (2017); Lacan (2005); Pollak (1992); Sartre (2007) bringing considerations before the moment of analysis. Furthermore, the second moment features various discussions about modernist aesthetics, the author's trajectory and fortune followed by criticism as it is above all a presentation for analysis. In this way, the moment determined the reading and re-reading of the novel *Angústia*, revisiting Ramos (2023); Bosi (2015); Candido (2006); Velloso (2010); Moisés (2019). Consequently, the analysis is divided into three chapters, in which theoretical concepts are developed, starting with discourses about the author, the work and criticism, reflected in the analysis of fragments of *Angústia*, relating them to aspects of anguish and memory of the fragmented and decadent character.

KEYWORDS: Anguish; Memory; Luís da Silva; Decadent; Fragmented.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ANGÚSTIA E MEMÓRIA: reflexões sobre o estado da mente do homem (pós) moderno	12
2.1 O homem e a construção de sua identidade	12
2.2 A angústia do sujeito (pós) moderno	16
2.3 Lembrar e relembrar: a memória na construção do “eu”	19
3. GRACILIANO RAMOS E O MODERNISMO BRASILEIRO: obras, críticas e contribuições literárias	23
3.1 A estética do Modernismo brasileiro	23
3.2 Trajetória e produção literária de Graciliano Ramos	26
3.3 Críticas e contribuições da obra <i>Angústia</i>	28
4. ANGÚSTIA E MEMÓRIA: a crise existencial do ser em Luís da Silva na obra <i>Angústia</i> de Graciliano Ramos	32
4.1 A identidade fragmentada e decadente de Luís da Silva	32
4.2 À angústia existencial ao monólogo interior do personagem	37
4.3 As memórias da vida rural em meio às memórias e frustrações sociais do presente irremediável	41
4.4 A visão materialista do mundo moderno a partir da relação líquida/amorosa de Luís da Silva e Marina	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO.

A obra *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, foi publicada em meados do século XX, fazendo parte das ideias do movimento modernista. O romance traz como protagonista Luís da Silva, um indivíduo fragmentado e decadente, travando um conflito externo e interno por renegar o mundo moderno. Com a construção da narrativa, percebe-se que a trajetória do personagem configura sua característica de homem amargurado, pois Luís da Silva representa um típico homem cujos padrões de comportamento são desenvolvidos com sua personalidade multifacetada.

Ademais, a história de Luís da Silva é contada no romance através dos acontecimentos que aconteceram e que ainda estão acontecendo, de modo que o personagem recorre às lembranças do passado remoto misturando-as com o presente. É nesse segmento que a crise existencial coordena seu sentimento moderno, tornando-o um indivíduo fragmentado e decadente em relação ao mundo, a sociedade moderna e suas condições sociais, políticas e econômicas.

Diante disso, o problema de pesquisa dessa análise se baseia no seguinte questionamento: como a personalidade fragmentada e decadente de Luís da Silva em *Angústia*, de Graciliano Ramos, é construída a fim de relacionar sua crise existencial aos aspectos de angústia e memórias com sua visão de homem do século XX?

Portanto, com o objetivo geral, busca-se: analisar os aspectos da crise existencial do personagem fragmentado Luís da Silva na obra *Angústia*, a fim de relacionar sua angústia e memórias com sua visão decadente do mundo. Para tanto, considerou-se os objetivos específicos: mediar discussões teóricas entre conceitos de angústia e memória enquanto base teórica para análise comportamental do personagem Luís da Silva, identificar os traços e aspectos físicos do personagem, analisando como a trajetória difícil de Luís da Silva desencadeou a angústia exterior e interior no seu fluxo constante de consciência e relacionar o homem (pós) moderno ao perfil de Luís da Silva enquanto sujeitos moldados pelas (in) constâncias da modernidade.

Para realizar tais objetivos, tornou-se fundamental fundir as bases da análise literária com corrente da crítica sociológica, recorrendo a interpretação de literatura, através de postulados teóricos que detiveram seu foco na crítica social do homem e suas relações com o mundo, tais como: Bauman (2004); Berman (1986); Halbwachs (1990); Freud (2014); Hall (2006); Kierkegaard (2017); Lacan (2005); Pollak (1992); Sartre (2007). Posteriormente,

recorre-se à discussões sobre a estética modernista, a trajetória e fortuna crítica do autor. Dessa maneira, o momento determinou a leitura e releitura do romance *Angústia*, revisitando Ramos (2023); Bosi (2015); Candido (2006; 2007); Velloso (2010); Moisés (2019).

Por fim, chegou-se nas discussões analíticas, na qual a análise de fragmentos extraídos do romance, atribuem discursos acerca da identidade fragmentada e decadente de Luís da Silva, ao passo de tratar da angústia existencial e construção do seu monólogo amarradas com as memórias e frustrações do personagem. O capítulo de análise traz discussões em tópicos a respeito da identidade e decadência do personagem com argumentos do seu modo de ser, partindo para os discursos da angústia existencial a partir do monólogo mantido por Luís, destacando também as memórias rurais que trazem conhecimento da infância do homem e, por fim, o tópico sobre a visão materialista do mundo moderno tendo como base para discussão a relação amorosa do personagem.

2. ANGÚSTIA E MEMÓRIA: reflexões sobre o estado da mente do homem (pós) moderno.

As contribuições teóricas que fundamentam este capítulo propõem reflexões sobre o pensamento e comportamento aplicados aos conceitos de sociedade (pós) moderna. Os critérios de desenvolvimento do homem com o mundo são recorrentes pelas noções desses autores que de acordo com seu campo de estudo procuraram compreender o mundo e a existência humana de tal forma que participaram das mudanças sociais sofridas com os conflitos da humanidade. Afinal, o capítulo traz a possibilidade de reflexão, enxergando nas principais obras apresentadas, conceitos e elementos significativos para a análise bibliográfica.

Ainda, através das discussões teóricas se percebe os conceitos de homem e identidade fragmentada, partindo para os demais estudos associados aos conceitos aplicados aos aspectos da angústia e memória. Todavia, todas as reflexões utilizadas são atribuídas às condições da natureza de pesquisa do “*sujeito descentrado*” em razão das consequências da modernidade. De maneira geral, a compreensão desse indivíduo reflete nas dimensões dos conflitos sociais, econômicos, políticos e culturais, dos quais organizam-se as correntes do pensamento de uma sociedade moldada pela urgência da transformação. Por isso, o propósito central deste capítulo é ampliar as pesquisas e discussões sobre o homem e sua relação com o lugar ocupado no mundo, acrescentando novas abordagens ao discurso do outro.

2.1 O homem e a construção de sua identidade.

O processo de evolução da sociedade humana permitiu que as noções de homem sofressem transformações significativas para a idealização de uma identidade cultural ampla e abrangente. O sujeito vem registrando mudanças que levam os estudiosos do mundo a refletirem não só sobre aspectos sociais, mas também, sobre às noções políticas e culturais, através de buscas históricas com relação a existência do homem no mundo. Nesse sentido, surgem novas ideias acerca do comportamento humano em contraposição às questões de crise de consciência identitária. Com isso, os conceitos de identidade abarcam discursos relevantes por considerar os conflitos humanos com seu próprio “eu”, sendo que a perspectiva de humanidade se atrela ao surgimento de um homem cujos padrões são realçados com base no entendimento, interação e interesse de suas ações com o mundo.

Após ganhar força com os estudos culturais, o termo “*sujeito descentrado*” assumiu muita importância na tentativa de conceituar o homem e sua identidade na pós-modernidade,

nessa vertente, às reformulações desse sujeito se caracterizam em traçar uma linha que verifica as mudanças sofridas durante sua existência. Verifica-se que as contradições de identidade pontuam as direções para o surgimento de novas configurações que podem influenciar na posição do indivíduo. Postulante a isso, essas configurações se relacionam com a reflexão sobre a sociedade, a economia, a política, a cultura e as necessidades sociais que contemplam cada um desses termos. Em seguida, os embates com o mundo moderno desmonta aquilo que era tido como sujeito pronto e acabado, pois as pesquisas subjacentes mostram que não existe um indivíduo único e fechado em si.

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. **Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito** (Hall, 2006, p. 9 – grifo nosso).

Desse modo, a descentralização do sujeito cumpre um modelo que perpassa a existência do homem em seu grau de totalidade, configura-se, assim, as fragmentações do sujeito em contraponto com o mundo perante os moldes culturais e sociais. As sociedades modernas e pós-modernas do século XX se desenvolveram e ordenaram-se em um processo de pensamento que provocou reviravoltas nas concepções que foram associadas às mudanças sofridas a partir da história e dos acontecimentos históricos que acarretaram transformações relevantes para o mundo. A cultura de identidade descreve uma forma diferente desse sujeito, porque ele assume uma posição mutável aos confrontos do seu próprio eu.

Ao realizar seu estudo sobre a história da modernidade na obra *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, Berman (1986), na tentativa de ter um controle acerca de suas reflexões, apresenta três fases principais: a primeira fase (século XVI ao XVIII) mostra um sujeito ainda tímido quanto ao sentimento moderno; a segunda fase (inicia-se com as revoltas de 1790) surge um sujeito moderno acompanhando as lutas pelos direitos humanos, ao mesmo tempo que emerge as noções de modernismo e modernização; a terceira fase (século XX) abrange um sujeito moderno fragmentado com a modernização do mundo, partindo para fragmentação de sua própria identidade a partir da expansão do modernismo cultural que chega com aclamação na arte e no pensamento.

A crescente transformação do indivíduo pondera diferentes formas de comportamento na camada social, ou seja, estabelecem um conjunto de mudanças que ocorrem de maneira acelerada em choque com os embates da crescente modernização. Diante disso, as concepções

de sujeito centrado não configuram mais o que antes era posto como firmamento das idealizações de homem unificado com seu “eu”. As ideias de socialização na vida do indivíduo refletem no pensamento de alguém que está sempre em contradição com sua identidade, no qual esse enfrenta uma visão distorcida de mundo pelo fato de não se encaixar ou não conseguir preencher lacunas que o cercam.

Nos estudos de Hall (2006) percebe-se que a noção de modernidade serviu de referência para o homem usufruir de certa maneira dos tons da liberdade, esse torna-se um indivíduo capaz de se transformar. Como consequência disso, as condições impostas ao sujeito acabaram moldando a figura que ele possivelmente representava para si. A modernidade foi fundamental para que se entendesse que ele está exposto a qualquer forma de mudança, incluído até mesmo a sua maneira de pensar e agir. Assim, desde o surgimento do “indivíduo soberano” entre os séculos XVI e XVIII, rompeu-se com a idealização de homem imutável, dando espaço a um ser que vai abrindo lugar ao novo, em contraposição com o passado que fica cada vez mais distante na modernidade.

As questões identitárias do sujeito moderno e pós-moderno se fragmentaram e vão acompanhando em escala o desenvolvimento do mundo. Dessa maneira, o panorama social e cultural descentralizam as relações, posto que surgem outras concepções de homem. Os embates entre as ideologias passadas dão origem a dilemas que acarretam em novos modelos de ideias que buscam resolver os problemas do indivíduo contemporâneo. Para tanto, Hall (2006) salienta que “aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento” (Hall, 2006, p. 33).

Nesse contexto, pode-se enfatizar a existência do indivíduo como alguém que está disposto a questionamentos internos e externos de sua vida com a sociedade. A condição de liberdade passou a ser considerada nos estudos sobre o homem moderno, claro que levando em conta o lugar desempenhado por ele à medida que evolui. Os eventos da vida cultural moderna obrigam que o sujeito saia da sua zona de conforto e passe a interpretar seu próprio “eu”, haja vista a consciência humana em frente ao mundo cultural globalizado. Grosso modo, ressalta-se que com essas transformações o indivíduo perdeu os laços de suas relações com o outro.

A partir dessa reflexão, percebe-se que quanto mais o homem evolui, esse tende a se tornar mais distante do relacionamento de pessoas que estão em posição social com ele. Dessa forma, uma vez que o distanciamento ganha notoriedade, esse sujeito passa por diversas situações que acabam implicando em conflitos entre uma sociedade mascarada pelas tomadas

de decisões. Ou seja, as consequências desse afastamento acarretam na perda de interesse das partes envolvidas, respaldando que assim perdida, a interação social se empobrece nos processos de socialização da humanidade.

Nesse sentido, Bauman (2004) aborda sobre as fragilidades nas relações pessoais, usando de argumentos a respeito do “amar ao próximo”, evidenciando claras discussões das possíveis fragilidades que o ser humano tem em se relacionar com o seu próximo. Assim, o autor pondera sobre o “amor-próprio” como algo que pode vir a ser um dos motivos pelos quais se desenvolve a crise do afastamento de outros indivíduos. O autor afirma que:

O amor-próprio pode rebelar-se contra a continuação da vida. Ele nos estimula a convidar o perigo e dar boas-vindas à ameaça. Pode nos levar a rejeitar uma vida que não se ajusta a nossos padrões e que, portanto, não vale a pena ser vivida [...]

Em suma: para termos amor-próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor — a negação do status de objeto digno do amor — alimenta a auto-aversão. O amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Se na sua construção forem usados substitutos, eles devem parecer cópias, embora fraudulentas, desse amor. Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar a nós mesmos (Bauman, 2004, p. 71-72).

Nessa vertente, considera-se que as relações sociais entre os indivíduos podem oferecer forte influência na busca por solucionar problemas sociais da vida. O intuito desse pensamento de ser amado primeiro amarra as consequências de que o ser humano é antes de tudo alguém que necessita manter relações de amor com o outro, seja ela por meio da união conjugal, familiar ou construída através do convívio com amigos. Em suma, só depois de ser amado é que possivelmente o conhecimento do seu “eu” vem à tona.

A modernidade, conseqüentemente, provocou transformações significativas na sociedade humana, bem como propiciou mudanças nos valores do sujeito que passou a agir de modo ao seu espaço e tempo. De acordo com esse discurso, Bauman (2011, p. 13) enfatiza que:

A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca. Na modernidade, o tempo tem história, tem história por causa de sua “capacidade de carga”, perpetuamente em expansão — o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” — ou conquistar.

Com essa perspectiva, entende-se que as noções de modernidade são calcadas na separação veloz entre espaço e tempo, atribuindo uma distinção reparável por ambos. As diferenças podem ser notadas a partir do movimento mutável do processo de aceleração das ações. Propõe-se que ao longo do desenvolvimento das ideias pré-modernas as relações de espaço e tempo determinaram o cunho da história, posto que na modernidade o tempo ganha

movimento por ser dinâmico e ativo. O espaço ocuparia então a carga inflexível que o tempo tentaria moldar com sua sede de conquista. Portanto, a relação espaço e tempo torna-se uma realidade profunda entre a ideia de modernidade, travando uma batalha sobre a tentativa iminente de conquista, todas advindas das noções de avanços e diferenciações dos aspectos espaço-tempo.

Diante do exposto, é possível repensar se essas situações estão sendo postas em prática ou não, visto que ocorre na sociedade moderna e pós-moderna situações contrárias a isso. A necessidade de um identidade definida provoca o distanciamento entre sujeito e a humanidade. Tal fato, decorre da fuga para algo que só diz respeito a um isolamento que extrapola e rompe com os laços sociais, aparentemente difíceis de serem resgatados à medida que há esse aceleração na modernização do mundo. Por conseguinte, o homem moderno não tomou consciência de como a liberdade que tem o afetou, usando como referência os discursos sobre a noção de modernidade líquida.

2.2 A angústia do sujeito (pós) moderno.

Ao tomar como contexto as discussões sobre o homem frente aos conflitos identitários do “eu”, é viável salientar que nas implicações e tentativas de encontrar respostas para seus problemas na sociedade, o sujeito se depara com um mundo cheio de acontecimentos que marcam sua vida e a vida de outros indivíduos que compartilham das noções de liberdade. Desse modo, ao ter noção de que o ser humano sofre com essas transformações, necessita-se tomar por afincado algumas discussões sobre a angústia como sentimento gerado pelo ser, enquanto alguém que vai continuar sofrendo transformações que podem influenciar seu comportamento.

Em sua obra *O conceito de angústia*, Kierkegaard (2017) aponta que a angústia tem seu significado diferente do medo mesmo que em muitos casos o ser humano acabe confundindo e tratando como se fossem iguais. Ela também faz parte do espírito de liberdade e não pode ser encontrada em animais, por exemplo, porque esses não estão dispostos de natural espírito.

Tendo como referência a apresentação do pensamento de Kierkegaard em detrimento de suas preocupações acerca do termo angústia, tem-se que repensar e associá-lo ao homem contemporâneo, no qual se coloca a ideia de liberdade individual do pensar e agir. Desde o surgimento do pensamento moderno no século XVI surgiram muitas mudanças no comportamento do ser humano, o que acabou comprometendo o indivíduo na contemporaneidade, pois não há uma forma de garantir que tais ocorrências sejam supridas por

ele de imediato, assim, quando o indivíduo entra em contato com algo que está fora de seu controle, este logo desencadeia suas angústias por não ter poder do autocontrole de si.

Em sua obra *O ser e o nada*, Sartre (2007) argumenta acerca das questões humanas entre o ser e o não-ser e sua relação com o nada. Em suma, o autor apresenta um breve entendimento da concepção sobre a consciência do homem como ser no mundo, apontando que:

É somente no nada que pode ser transcendido o ser. Ao mesmo tempo, o ser se organiza em mundo do ponto de vista do trans-mundano, o que significa que a realidade humana surge como emergência do ser no não-ser e, por outro lado, que o mundo se acha “em suspenso” no nada (Sartre, 2007, p. 59-60).

Com isso, esclarece-se que o ser humano transcende do nada, sendo que este pensamento se faz presente na concepção de emergência humana de alguém que emerge a partir da sua existência no mundo que como afirma o autor, está “suspenso” no nada. Há uma urgência eminente desse modo de existir, visto que remete a algo ligado ao espírito humano. Então, é possível perceber que a transcendência é resultado de uma realidade humana que molda o sentido do homem que vai além do imaginável.

Quanto às considerações a respeito da angústia gerada pela situação de transcendência a partir do ser no nada, Sartre (2007, p. 60) evidencia que:

A angústia é a descoberta desta dupla e perpétua nadificação. E a partir dessa transcendência do mundo, o *Dasein* irá captar a contingência do mundo, ou seja, formulará a pergunta: “Por que há o ente, e não antes o nada?” A contingência do mundo aparece à realidade humana quando esta se instala no nada para apreendê-lo. Portanto, eis aqui o nada sitiando o ser por todo lado; eis que o nada se apresenta como aquilo pelo qual o mundo ganha seus contornos de mundo. A solução satisfaz? Certo, não há como negar que a apreensão do mundo como mundo é nadificadora. Assim que o mundo aparece como mundo, mostra-se como não sendo senão isso. O oposto necessário desta apreensão é portanto a emergência da “realidade humana” no nada.

Nesse sentido, a condição da realidade humana está atrelada ao sentimento de querer ser antes mesmo de ter sido. Se o mundo é mundo, então, cabe ao sujeito enquanto humano se despertar para o ser, ou seja, seu entendimento sobre a questão do ser no nada depende da angústia que ele possa sentir ao ponto de suprir o mundo que é o nada desse ser. Só através desse sentimento de angústia é que o homem pode encontrar sua realidade humana e transcender por completo. O nada é a parte que inquieta o ser, por reafirmar que esse existe com um propósito, de modo que a angústia faz parte dessa nadificação do ser. Por fim, a angústia acarreta na construção da consciência libertadora do homem a partir do momento que se entende que ele está livre no mundo.

A condição da existência do homem permite que ele esteja sempre tentando sair de si, pautando-se nas situações de se encontrar em meio a angústia que o mundo proporciona. A questão de se manter vivo constrói o pensamento desde que surgiu o mundo, abrigando o

homem como alguém mutável pelas consequências enigmáticas da sua tentativa de ocupar e se preencher com seu próprio “eu”. Logo, compreender as noções de liberdade configuram o princípio da crise do indivíduo.

Em seus discursos *Inibições, sintomas e angústias*, Freud (2014) esclarece as diferenças entre os termos, apresentando as condições que desencadeiam cada um deles. Para tanto, é preciso deixar claro que essa reflexão busca trazer a ideia mais próxima da possível resposta do autor para discussão do termo angústia.

Por conseguinte, Freud explica como, possivelmente, pode vir se manifestar o sentimento de angústia no ser humano, reiterando seu próprio discurso de negação à repressão, argumentando que:

A angústia não é gerada novamente na repressão, e sim reproduzida como um estado afetivo, segundo uma imagem mnêmica já existente. Mas, se indagamos também pela origem dessa angústia — como dos afetos em geral —, abandonamos o terreno incontestado da psicologia e adentramos a área fronteira da fisiologia. **Os estados afetivos incorporaram-se à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas, e são despertados como símbolos mnêmicos* quando situações análogas ocorrem** (Freud, 2014, p. 23- grifos nossos).

Desse modo, percebe-se que o autor explica que a angústia é gerada pelas relações afetivas, e corroborada pelas lembranças. É através das emoções que o estado emocional do ser humano desperta o sentimento de angústia. Freud explica que são as experiências traumáticas que produzem angústia, pois são despertadas por falta das representações de afeto. Para o autor, a concepção de angústia está relacionada às condições da psique derivada de um trauma que chega ao “eu” através de símbolos que despertam a tentativa de defesa daquelas representações frustradas pelo desamparo.

Outro nome a ser citado por sua influência é Lacan. Os pensamentos lacanianos também foram importantes para as concepções do termo angústia. Do ponto de vista fenomenológico, o autor além de propor uma discussão sobre o aspecto da angústia, evidencia com precisão as condições que a despertam, entendendo pelo aspecto do objeto. Um dos conceitos descritos por Lacan acerca da angústia do objeto recai no conceito organizado por ele através da sua obra *O Seminário – livro 10* que leva como título *Angústia*. Para tal, o autor postula seu direcionamento a fazer uma análise observando o surgimento da angústia do objeto, ou seja, Lacan (2005) estabelece com uma relação com a fenomenologia para apresentar discursos que vão sendo esclarecidos por meio de muita reflexão ao longo dos capítulos.

Diante dessa situação, o autor afirma que:

Eis-nos agora em condições de responder a uma pergunta: quando surge a angústia? A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar), que corresponde, do

lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo *a* do objeto do desejo. Eu disse *alguma coisa* - entendam *uma coisa qualquer* (Lacan, 2005, p. 51).

Então, a partir dessa perspectiva, entende-se que o autor discorre com argumentos explicativos usando da abordagem fenomenológica, justamente por um viés do seu ramo de estudo. Em seus argumentos, houve de fato uma ideia de como a angústia é constituída como mecanismo presente na consciência do que é produzido quando o ser humano situa o lado *a* do objeto. Logo, o inconsciente determina as condições de angústia geradas pelo comportamento humano e é movida pelo desejo do homem em preservar sua imagem especular do objeto *a*.

Então, as reflexões apresentadas embasam as acepções do termo angústia como algo que está relacionado ao homem desde que se estabeleça as referências necessárias de seu vir a ser no mundo. Os sentidos produzidos pelo mecanismo da angústia guiou-se em meio ao existencialismo do ser humano no mundo por filósofos, ao mesmo tempo que concerne aos autores do ramo das áreas psicanalíticas, tendo como brecha também a fenomenologia, para tentar compor um acesso a outros meios de compreensão da angústia gerada a partir do objeto. Por isso, todos os moldes dessas discussões abarcam as noções e condições de produção da angústia do sujeito num dado momento, fazendo um paralelo entre estas áreas.

2.3 Lembrar e relembrar: a memória na construção do “eu”.

O processo para a formação do “eu” está concentrado como um dos movimentos da vida desde o nascimento, através da socialização e construção da memória humana todo ser humano tem a capacidade para recordar de algum momento ou de algo que marcou sua vida no espaço-tempo de sua existência. As questões relacionadas à memória conectam o sujeito às lembranças de um passado distante ou até mesmo próximo da realidade, sendo que dispõem diretamente dos mecanismos relacionados com processos emocionais que muitas vezes afetam seu bem-estar. Muitas dessas lembranças ficam esquecidas temporariamente, contudo, surgem com força quando o indivíduo sente a necessidade de se compreender socialmente. Com isso, as concepções relacionadas à memória está condicionada a necessidade que o homem tem em resgatar sua própria vida de forma emocional, ou seja, é uma parte que nunca será de fato esquecida, pois o homem constrói lembranças a todo instante seja quando está só, acompanhado ou quando visualiza objetos.

No que concerne às referências a respeito da memória, apresenta-se a seguir dois autores que tiveram como objeto de estudo a construção da *memória coletiva*. Os estudiosos, Halbwachs, com a obra *Memória coletiva* (1990), e Pollak, com o texto *Memória e identidade social* (1992) apontaram contribuições plausíveis para compreensão de como se dão as ideias

de construção da memória no indivíduo, sobretudo porque os dois autores demarcam a pretensão para encontrar resultados sobre como a questão da memória está associada com o homem e o lugar ocupado por ele no espaço-tempo.

Com base nos conhecimentos produzidos por Halbwachs (1990) acerca da memória humana, entende-se que ao se relacionar em um grupo social, o ser humano constrói lembranças coletivas; outra afirmação sobre a memória é que ela também se constrói de forma individual, entendendo que não necessariamente o sujeito precisa estar interagindo com o outro, porque as lembranças ainda assim continuam coletivas no sentido de que os acontecimentos são lembrados por outros indivíduos. Ou seja, pode-se considerar que a memória constitui a construção da mente humana seja ela de quem vivenciou ou de quem faz parte do grupo ao qual essa lembrança foi construída.

Para Halbwachs (1990) a memória coletiva se explica também pela noção de que em determinado momento de sua vida o ser humano pode encontrar-se só, ou pode achar que assim esteja, no entanto, o processo de evocação de sua lembrança é acessado através do seu grupo social, visto que só pela existência desse grupo o indivíduo desperta seus pensamentos e possivelmente será acometido pelo fato das suas vivências enquanto ser em sociedade. Sua natureza social cria possibilidades para que ele consiga acessar mesmo estando longe de seu grupo, seus pensamentos, pois ele ainda faz parte daquela sociedade a qual o grupo está inserido. Desse modo:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com ele. Quando àquelas que concernem a um pequeno número e algumas vezes a um só de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória, — já que, ao menos por uma parte, elas se produzem dentro de seus limites — passam para último plano (Halbwachs, 1990, p. 45).

Por consequência deste argumento, evidencia-se que o autor percebe as relações da memória coletiva através das experiências e acontecimentos, com as quais o ser humano está em primeiro plano inserido. Com enfoque na construção das experiências, as lembranças devem estar associadas ao grupo social e nas dimensões das quais o indivíduo faz parte, é importante o registro do contato para experienciar acesso de tal lembrança. O último plano é em outras condições compreendido pela experiência em pequena parcela entre o sujeito com seu grupo, visto que as lembranças podem ocorrer em dimensões menores ou até mesmo serem construídas com apenas um de seus indivíduos, posto que, essas lembranças fazem parte da construção da memória social do grupo.

A existência do “eu” concerne o princípio de experiências com a sociedade que marca sua trajetória inicial para o processo de produzir lembranças. Desde seu primeiro contato com o meio social, o homem começa a colecionar vivências, visto que ao longo de sua vida essas serão registradas pelo grupo social, pelos objetos ou pela sociedade que vive e estabelece vínculo afetivo ou não. Logo, entende-se que a questão da memória coletiva abrange a parte significativa para determinado grupo social, tornando-se, assim, um processo contínuo entre a sociedade.

Um outro grande nome para as discussões sobre memória coletiva é Pollak (1992), que ao participar de uma conferência forneceu um texto com título de *Memória e identidade social*. O autor argumenta sobre as bases para a construção da memória e da identidade social, evidenciando suas investigações como maneira de responder questionamentos levantados dentro do próprio texto. Há em determinado momento um discurso recortado da leitura do autor sobre o texto de Halbwachs como forma de contextualizar seu argumento acerca da memória coletiva.

Na construção da memória coletiva ou individual, leva-se em consideração dois elementos constituintes para compreensão dos aspectos acometidos à memória social. O primeiro é a noção de que os acontecimentos foram vividos pessoalmente pelo indivíduo, deixando claro que de fato o sujeito manteve-se presente naquele espaço-tempo. O segundo fator é que todos os acontecimentos geradores de memória foram vividos pelo grupo social de forma coletiva, sendo que esse processo é construído por tabela, tornando-se quase possível ao indivíduo a certeza de ter presenciado o acontecido. Desse modo, o imaginário do ser humano assegura a certeza ou a quase certeza de que ele esteve presente política ou historicamente naquele espaço-tempo, pois o grupo social marca o vínculo para que essa memória seja repassada através da ideia de identificação e continuidade ao grupo social.

Nesse caso, com base nos aspectos sobre a construção da memória coletiva de um grupo social, Pollak (1992, p. 204) informa que:

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Por isso, apreende-se que a memória de um grupo social é repassada entre os membros que a compõem, e é dentro do seu grupo que o ser humano pode ou consegue ilustrar o sentimento de identidade, do mesmo modo que essa relação pode vir a ser estabelecida de forma individual ou coletiva. Ainda neste aspecto, pode-se considerar que a memória está ligada à

existência do grupo, ou seja, a questão de identificação se confirma por meio da continuidade, ressignificando os elementos que podem influenciar na identidade dos membros constituintes.

Em outras situações, ressalta-se que a memória nos discursos de Pollak (1992) se relaciona com a história, claro que levando em consideração os discursos a partir do enquadramento da memória. Assim, de acordo com o autor, tem-se os elementos voltados ao “trabalho da própria memória em si”. Ora, “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização.” (Pollak, 1992, p. 206). Assim, necessita-se conhecer os aspectos inseridos dentro da própria organização dos elementos que compõem a memória através da história.

Dadas às referências apresentadas, verifica-se que as condições relacionadas à memória humana correspondem aos valores que são atribuídos ao seu aspecto significativo para o ser humano. O princípio norteador para essa afirmação a respeito da construção da memória abrange não só as fronteiras físicas ao contato com o outro, mas também, consolida-se por meio da socialização de um grupo. Em seguida, o resultado dessa interação entre o grupo social se organiza para a construção da identidade individual ou coletiva. Os aspectos da memória se perpetuam pela noção de continuidade do grupo social ao levar por consequência a relação com a história.

3. GRACILIANO RAMOS E O MODERNISMO BRASILEIRO: obras, críticas e contribuições literárias.

Neste capítulo aborda-se sobre os elementos que compõem a estética modernista brasileira, a qual os romances de Graciliano Ramos se encontra. Ora, os discursos desenvolvidos abrem caminho para as principais características do movimento literário brasileiro, resultado de inúmeras mudanças no espírito humano. Com base nessas condições, enfatiza-se a repercussão vinda ao campo literário que assolou-se num período cheio de novas ideias impulsionadas pelo desejo de reinventar os modos de produção. Portanto, pensando nas consequências desta análise o capítulo buscou de maneira geral relatar acerca do autor e obras, ressaltando a finalidade e importância da obra *Angústia* como *corpus* das principais discussões da crítica literária marcadas pela relação direta com o Modernismo brasileiro no século XX. Os autores destacados fazem jus ao teor crítico, proporcionando perspectivas atreladas ao processo de contribuição crítica do movimento e do romance.

3.1 A estética do Modernismo brasileiro.

Abordar sobre as correntes literárias do Brasil no século XX corresponde em nota trazer à tona as noções que tornaram o espírito humano mais fragmentado no sentido de tomar para si uma cultura totalmente abasileirada e que desse frutos à produção literária própria dessa cultura nacional. Durante todo esse período, pesquisadores decidiram ampliar seus modos de produzir, fomentando aos ideais inovadores que rompessem com os modelos das estéticas anteriores, tidas como arcaicas ao período literário do Brasil, porém, muitas ideias começaram a vir ao espírito humano, recaindo nas questões de identidade nacional com ainda mais vigor.

Nesse contexto, evidencia-se os efeitos que compuseram parte das inquietações da mente do homem numa parcela proeminente aos valores adquiridos com o crescimento da sociedade urbana e alargamento das fronteiras com outros grupos sociais e políticos que chegavam ao Brasil. Cabe destacar que a partir dessa noção a obra *História concisa da literatura brasileira* (2015), de Alfredo Bosi, historiador brasileiro, com discursos referentes ao alargamento e ao processo de desenvolvimento da sociedade brasileira do período para uma compreensão mais ampla acerca daquilo que representava ao povo o mecanismo propulsor da diversidade de ideias que vinham ser consideradas na estética que se formava, o Modernismo.

O quadro de formação da sociedade brasileira está condicionado, por assim esclarecer, na noção de crescimento dos centros urbanos desde a necessidade das famílias em relação aos

seus meios de vida, até mesmo ao povo imigrante que vinha da Europa com objetivo principal de assentamento local ao Brasil. O Sul nesse contexto ganhou destaque por ser o atrativo das camadas populares, onde de fato as ideias revolucionárias estavam com maior vigor. A partir do crescimento urbano, muitos desses povos misturavam-se ao mesmo tempo que se dividiam entre as camadas sociais que marginalizavam, julgadas importantes para o desenvolvimento econômico do país (Bosi, 2015).

É em virtude desse novo modelo de urbanização que surgiu o movimento modernista como mecanismo intelectual inovador das noções que marcariam a sociedade. Assim sendo, Bosi (2015) ao propor suas opiniões acerca do processo de crescimento no campo literário do período em virtude dessa nova consciência fragmentada do Brasil, afirma que “seja como for, o intelectual brasileiro dos anos de 20 teve que definir-se em face desse quadro: as suas opções vão colorir ideologicamente a literatura modernista” (Bosi, 2015, p. 242). Portanto, a consciência literária se impulsionou com fervor por marcar a necessidade de reconhecimento nacional, algo remetente a busca de identidade que chegava à literatura, cujo enfoque se consolidou em meio ao local que estava inserido na idealização do pensamento moderno a partir dos anos 20. Foi o momento de amadurecimento das ideias para a semana de 22.

Muitos intelectuais foram acometidos pela influência dos movimentos europeus, pois as principais ideias chegavam a São Paulo e Rio de Janeiro, marcando assim a composição do sentimento revolucionário. Diante disso, Bosi (2015) aponta que:

Em um nível cultural bem determinado, o contato que os setores mais inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as. Começam a ser lidos os futuristas italianos, os dadaístas e os surrealistas franceses. Ouve-se a nova música de Debussy e de Millaud. Assiste-se ao teatro de Pirandello, ao cinema de Chaplin. Conhece-se o cubismo de Picasso, o primitivismo da Escola de Paris, o expressionismo plástico alemão. Já se fala da psicanálise de Freud, do relativismo de Einstein, do intuicionismo de Bergson. Chegam, enfim, os primeiros ecos da revolução russa, do anarquismo espanhol, do sindicalismo e do fascismo italiano (Bosi, 2015, p. 242).

Desse modo, evidencia-se que a corrente modernista se atrelou aos estilos dos europeus que ainda centravam parte do acervo intelectual da época. O cenário movimentado das ideias vindas da Europa marcaram o sentimento do homem brasileiro que corria em medida para acompanhar o que já estava mais que consolidado no outro continente. A noção do movimento modernista brasileiro procurou ter sentido baseada no que estava na moda. Nesse viés, a brasilidade consistiu em escala aos modelos que o Sul tinha como focos de produção, enquanto as ideias chegadas foram colocadas no processo produtivo do país. O desenvolvimento cultural brasileiro foi marcado pela expansão dos ideais europeus, pois, estes tinham força política,

econômica e cultural, sendo que suas artes estavam em alta no mundo pós-guerra e poderiam modular a base para busca das raízes brasileiras.

As questões associadas ao sentimento modernista extrapolaram os índices culturais, abrangendo áreas totalmente favoráveis aos desejos do homem que estava destinado a encontrar no seu passado, sua brasilidade, que seria de fato impulsionada pelos ideais dos intelectuais daquele período. Em suas dimensões, o Brasil dispunha de uma notável diversidade cultural, segundo a qual deveriam se espelhar os modernistas para as ideias futuristas, além disso, a cultura local contribuíra para uma cultura multifacetada em composição. Diante desse cenário, as percepções de identidade nacional desencadearam o enfrentamento da crescente urbanização que sofria o país, passando a ter no regionalismo os elementos para abarcar o sentimento dos intelectuais modernos. Com isso, Velloso (2010) em sua obra *História e Modernismo* acaba argumentando sobre a necessidade dos modernistas em esclarecer suas pretensões, salientando que: “Um dos traços críticos da cultura da modernidade foi justamente a ruptura dolorosa com a tradição e a consciência da impossibilidade de integrar-se a ela” (Velloso, 2010, p. 101).

Os modernistas tendo definido seu objetivo, preocuparam-se em recorrer ao passado. Além disso, muitas das investidas ao passado, eram feitas por comparações, mas como situação que implicava em aprimoramento das artes plásticas e da literatura. O Modernismo pela sua importância para a reestruturação do Brasil foi associado muitas vezes aos *status* de comparação com outros movimentos das vanguardas, bem como o próprio movimento futurista, justamente por embasar também tendências modernas. Tais comparações foram desfeitas, abarcando as nuances das críticas sobre o movimento e atingindo resultados plausíveis para a construção da identidade nacional, que correspondia ao movimento universal que abraçava as estruturas artísticas das vanguardas.

Nesse contexto, Velloso (2010, p. 110) focaliza que “o reconhecimento da identidade multifacetada do Brasil conectando passado e presente desencadeou um vasto trabalho e agregou várias gerações intelectuais”. Assim, percebe-se as configurações do trabalho intelectual frente ao sentimento de tratar o Modernismo como norteador para os interesses de organização perante a necessidade de brasilidade do país. As ideias implicaram o desejo de deixar clara as intenções do próprio movimento, tentando estabelecer o equilíbrio entre a estética e os seus intelectuais para não haver contradições com as perspectivas do próprio processo de identificação da cultura local.

Por conseguinte, a estética começou a ter visibilidade após os *manifestos* que se ocuparam das ideias dos intelectuais que trouxeram enfoques para compreender o manuseio da responsabilidade, a fim de atingir o modelo do Modernismo brasileiro como corrente de

firmamento para a identidade nacional do povo brasileiro, expressando o sentimento do novo que chegava impulsionado com os movimentos identitários à nacionalidade e universalidade brasileira, como garantia de que o Brasil fosse conhecido como país plural em culturas. Por fim, afirma-se que o Modernismo aguçou ainda mais esse sentimento de tornar evidente e claro o Brasil como campo literário, artístico e intelectual em suas multifacetadas, atingindo um número elevado de adeptos ao estilo novo.

3.2 Trajetória e produção literária de Graciliano Ramos.

A estética do Modernismo brasileiro representou relevância para a produção literária brasileira, em suas escritas e nas artes plásticas que foram utilizadas como formas de atingir camadas sociais ao pensamento do homem que estava se modernizando juntamente com o Brasil. Através do cenário de produção literária, surge um nome muito importante para o movimento, em meados dos anos de 1930, quando o Modernismo começou a atingir seu apogeu. Seu teor de crítica social ocupa espaço em meio ao local, contrapondo-se aos ideais daquela época. O autor Graciliano Ramos é um exemplo de escritor preocupado com as formas de denúncias à tendência, mostrando um país desigual a partir da segunda geração do movimento modernista.

Em suma, a partir desse contexto inserido necessita-se trazer de imediato um pouco sobre a vida e as relações de Graciliano Ramos antes e depois da fama como autor, não como maneira de mostrar tudo que viveu ao longo de sua existência, mas fazer um panorama sobre como esse acabou se tornando um dos maiores escritores do Brasil. Segundo Bosi (2015, p. 325): “De Graciliano já se deixou entrever, páginas atrás, que representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto de tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou”. Nota-se o teor fundamental à literatura brasileira em relação à escrita de Graciliano Ramos.

Bosi (2015, p. 325) ainda argumenta que: “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. Naquele, há conaturalidade entre o homem e o meio; neste, a matriz de cada obra é uma ruptura.”. Com isso, o autor é reconhecido por sua fineza em descrever as características que compunham o homem e suas tensões com a vida moderna. Graciliano representou e representa muito por sua contribuição, deixando um legado com elementos únicos na escrita e no estilo de narrar em obras ficcionais como a mente humana foi enfrentando a crescente modernização do país, em um mundo que obrigava às classes sociais a lutarem para sair das situações de desigualdade, pobreza e miséria. Seus romances apresentam

características particulares, a fim de mostrar o homem como personagem fragmentado no mundo, com condições impostas à existência e à degradação da consciência do sujeito, multifacetado pelas ambiguidades do nacionalismo.

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892, tendo pais comerciantes. Em sua jornada de vida acabou se dividindo entre seu estado natal e o Rio de Janeiro. Com grande participação no cenário político da época, o autor foi jornalista, político, mas foi no contexto literário que Graciliano se sobressaiu, principalmente, por produzir obras que evidenciavam o conturbado momento político que assolava o Brasil com os governos ditatoriais. Graciliano casou-se com Maria Augusta de Barros em 1915 (com quem teve quatro filhos – morrendo por complicações no parto do último). O autor residiu por muito tempo em Alagoas, onde desenvolveu suas ideias de sentimento comunista. Graciliano casou-se outra vez com Heloísa Leite de Medeiros em 1928 (com quem teve mais quatro filhos e viveu até o final de sua vida).

A produção literária do autor é impulsionada pelos conflitos sociais que acometia a sociedade brasileira da época. Entre suas mais célebres obras destacam-se seus romances *Caetés* (1933); *São Bernardo* (1934); *Angústia* (1936 – sendo preso antes de publicar a obra); *A Terra dos meninos pelados* (1937); *Vidas secas* (1938 – obra mais conhecida do autor); *Infância* (1945); *Insônia* (1947); *Memórias do cárcere* (1953 – obra publicada postumamente). Os eventos durante o período do governo ditatorial nortearam a aceitação do público pelas obras de Graciliano Ramos, pois, o autor buscava desmascarar aquela situação de descaso que viviam as famílias brasileiras através da prosa ficcional.

Antonio Candido, grande crítico da literatura brasileira, foi leitor de Graciliano Ramos em demasia, e direcionou o apreço por suas obras mais emblemáticas, escrevendo ensaios sobre o próprio Ramos e o estilo de suas obras. Em seus ensaios *Ficção e confissão*, Candido (2006, p. 17) afirma que:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir.

Diante do exposto, Candido (2006) argumenta que o acervo de Graciliano sofreu ao longo de sua vivência várias influências que acarretaram nas suas impressões de mundo, mas, precisamente, na região de Alagoas. Os leitores de Graciliano não terão problemas em lidar com a questão da produção do autor, contudo, deverão compreender que ele escreveu de tudo

um pouco e de tudo aquilo que escreveu tira-se proveito. Foram as características do nordeste brasileiro que implementaram sua relação com o Modernismo, segundo o qual Graciliano despontou para sua diversidade de personagens com características peculiares e bem complexas, traçadas com estilo seco, introspectivo (em muitos casos) e conciso.

O cenário da literatura brasileira comportou e impregnou-se com as obras de Graciliano Ramos, visto que o autor encarou da sua maneira às imagens daquela época, dando um aspecto verossímil ao teor literário. Sua fama deu-se em torno de momentos conturbados com os identitários políticos que queriam privilegiar ainda as camadas da atmosfera das elites. Por consequência desse privilégio, todas as suas obras apresentam um teor crítico ao espaço ocupado pelas ideias controversas de modernização do Brasil. Por seu espírito crítico ser tão aguçado em detrimento das questões e conflitos sociais, Graciliano foi preso no ano de 1938, antes de publicar *Angústia*. Passou um ano preso, sendo acusado de apoiar o espírito comunista. Sua grande experiência na cadeia propiciara-lhe ainda sua obra *Memórias do cárcere*, em que são narradas numa espécie de relato autobiográfico – as memórias de Graciliano enquanto esteve preso, livro publicado no mesmo ano de sua morte.

A trajetória de Graciliano Ramos ditou a sua experiência de romancista brasileiro, pois garantiu o reconhecimento até mesmo depois de sua morte em 20 de março de 1953, aos 61 anos devido complicações de um câncer pulmonar. Mesmo depois de morto, o autor teve seu valor atribuído à literatura, tendo várias de suas obras traduzidas para outros países, apontando o quanto seu apreço pela vida brasileira se mostrou presente durante os anos de vida, ou seja, ao conhecer a trajetória do autor, pode-se considerar que ele integrava enquanto brasileiro o seu desejo nacional, e através do ideal político influenciou nas formas de denúncia, problematizando as temáticas de caráter político-social e priorizando os conflitos externos como geradores de crises internas.

3.3 Críticas e contribuições da obra *Angústia*.

Em 1936 é publicada *Angústia*, uma das obras-primas da literatura brasileira, com seu valor engajado aos problemas que assolavam a vida urbana nas metrópoles. Graciliano Ramos suscita com uma escrita de certo modo, introspectiva, um sentimento interno com otimismo baixo aos ideais de modernidade do Brasil. O romance é narrado em primeira pessoa, focando nos conflitos internos do personagem Luís da Silva, homem com seus 35 anos, simples funcionário público. No romance a existência do personagem central marca o ápice do seu desespero, um homem fragmentado por seus fracassos em meio a sociedade que o corrompeu.

As lembranças são construídas ao decorrer do monólogo de Luís desde o início do romance, oscilando entre passado e presente, deixando claro o embaraçoso conflito que não tem fim para o personagem, que a todo momento precisa retomar uma de suas lembranças para efetivar seu modo de vida decadente e desesperador.

O crítico Antonio Candido ao ter lido e conhecido a obra escrita por Graciliano Ramos pondera em seus escritos sobre o aspecto construtivo de *Angústia*, deixando claro que o romance tem seu ponto mais subversivo em relação aos outros romances de Graciliano. Em *Angústia* tem-se um processo mais complexo e até de certo modo perturbador de criação do próprio personagem, logo, esse pode ser considerado como um indivíduo conflitante consigo à proporção que o leitor se envolve na leitura. Outro ponto a ser acrescentado é que a obra ganha um estilo mais cheio de descrições captando a complexa caracterização do personagem e os espaços ocupados por ele numa espécie de monólogo interno que apresenta Luís da Silva e seu desencanto com o mundo. Assim, Candido (2006, p. 47) sobre esse aspecto aponta que:

É um livro fuliginoso e opaco. O leitor chega a respirar mal no clima opressivo em que a força criadora do romancista fez medrar o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira - Luís da Silva. Raras vezes encontraremos na nossa literatura estudo tão completo de frustração.

Nota-se a partir daí o teor único pelo qual o leitor percorre os devaneios do personagem central como homem que contradiz o desejo pela vida. Luís da Silva representa um sujeito retraído por seu modo de pensar, ser e agir, e em certo caso, um indivíduo que não sabe ao certo porque ainda vive. Suas escolhas marcam o direcionamento do seu caráter enquanto homem que trabalha de sol a sol e mesmo assim não consegue sair do lugar. Os leitores leem *Angústia* percebendo que a obra já é por si só uma espécie de relato frustrante de Luís da Silva, que não poupa requintes no seu modo de discorrer nas linhas do livro seu espírito amargurado.

As complexidades existentes no personagem Luís da Silva modelam o cenário crítico de análise do romance, fazendo com que o autor extrapolasse na configuração do todo da obra. Luís da Silva é um sujeito frustrado com a vida – Graciliano Ramos quis deixar isso mais explícito possível, dando importância na construção escrita, sem poupar meios para qualquer que fosse o resultado final. Para tal, a ênfase do desenrolar de *Angústia* recai no próprio Luís da Silva, cujo efeito é prontamente construído por meio de fragmentos que fazem com que a obra tenha um significado mais significativo aos leitores.

O livro *Angústia* é constituído por um narrador em primeira pessoa que tudo sabe, regulando à sua própria maneira às ondulações e respostas aos comportamentos produzidos pelos embates com o mundo que corroboram para seus devaneios internos. Comparando o

diálogo de *Angústia* com outras obras de Graciliano Ramos narradas em primeira pessoa como *Caetés* e *São Bernardo*, o diálogo desse romance passa por uma reformulação verificável (passando em certo instante a segundo plano), assumindo efeito nas impressões de Luís perante ao sentimento fantasioso preenchido como frenesi aos detalhes do monólogo (Candido, 2006).

Além disso, para Candido (2006, p. 113), *Angústia* seria a obra na qual Graciliano Ramos proporcionou maior grau de complexidade. Sua capacidade com os elementos da descrição, diálogo e análise, fundem-se, ultrapassando o Naturalismo, cujos indivíduos se apresentam como uma “espécie de realidade fantasmal”, compondo a morbidez do sujeito narrador. Pensando nisso, relata-se que o ambiente do romance flui à sua maneira, de modo que são colocados nesse momento esses elementos constituintes que interferem e se intensificam com as ações do personagem, acarretando na construção fragmentada da narrativa à medida que o protagonista sente necessidade de voltar ao passado para desligar-se de um presente frustrante, que, ainda assim, acompanha-o a todo instante.

Graciliano Ramos tornou-se conhecido particularmente como romancista regionalista, todavia, com *Angústia* o autor expandiu seu universo ficcional apoiado no universalismo. Em sua obra *História da literatura brasileira – vol III: Desvairismo e tendências contemporâneas*, Moisés (2019) enfatiza que em *Angústia*:

O ambiente volta a ser o cidadão, mas o espetáculo humano, ainda o mais corriqueiro, não sugere humor ou ironia, senão os grandes conflitos entre o Bem e o Mal, os dramas de consciência, as culpas sem remissão, o sentimento de condenação perene, o emparedamento numa angústia sem saída. O homem moderno, tolhido pelo medo que as metamortoses socioculturais geram e a antevisão de guerras apocalípticas provoca, torna-se o sujeito dessa história centrada numa tragédia banal, pois até as tragédias perderam o seu halo olímpico. Num clima em que se gesta o Existencialismo (à Camus), Luís da Silva é bem o (anti-)herói sem rosto, porque igual a toda a gente. E porque movido por uma força inconsciente, pratica um gesto que, em vez de o libertar, o arremessa numa angústia sem-fim. Com ele, o autor, ultrapassando o regionalismo exótico por meio dum drama que nada ou pouco deve à conjuntura econômico-social, mergulha de chofre na modernidade, e cria um romance de envergadura universal (Moisés, 2019, p. 202).

Nesse viés, a preocupação de Graciliano Ramos desmembrou para um caminho mais amplo, abarcando as tensões que compõem o estilo do romance urbano. Tem-se um personagem que lida com seus dramas e emoções sem nenhum preparo aparente. O dilema de Luís da Silva é firmado em sua consciência fragmentada, condição do homem moderno que encara da pior forma possível a existência no mundo que muda constantemente a vida das pessoas. O autor mostra o funcionamento da mente do indivíduo que não está preparado para lidar com o novo e acaba fugindo para dentro de si a nível de criar seu próprio mundo, apoiando-se em acontecimentos passados que se fragmentam no presente. Em *Angústia* a modernidade é norteadora das angústias do sujeito que sofre com as constâncias do processo de

desenvolvimento de modo acelerado dos centros urbanos, partindo do não processamento da consciência humana.

As circunstâncias com que fora publicada a obra demonstra como Graciliano Ramos evidenciava as questões de ignorância do público da época, que ainda se mostrava amargurado com a crescente tensão entre o conflito existente nos contextos que envolviam as relações dos identitários políticos que permaneciam entre o autor e a obra. Candido (2006, p. 112) aponta que *Angústia*: “É a história de um frustrado, Luís da Silva, tímido e solitário, dotado de um poder mórbido de auto-análise, que o faz, em consequência, desenvolver um nojo impotente dos outros e de si mesmo.”. Dessa maneira, o teor de aceitação do romance abarca a consolidação de uma esfera social repugnada com o tratamento diante das condições de poder impostas ao sujeito que emergia dentro de sua própria liberdade um sentimento negativo para o protagonista.

O personagem de Luís da Silva marca a contradição dos moldes do homem moderno, é através de sua caracterização que o leitor pode perceber nas extremidades do romance como a mente humana se comportava mediante a natureza que era de fato imposta naquela época. Graciliano Ramos entregou na obra um universo que eclodiu para além da experiência com personagens ficcionais, ora, os leitores verificam os acontecimentos que desencadeiam a reconstrução da consciência de Luís da Silva por meio de fragmentos que chegam em pedaços recortados de um tempo distante de sua vida e que de certo modo se concretizam na própria percepção de aceitação da obra.

Assim, é possível perceber que *Angústia* compõe um movimento de Graciliano Ramos em percorrer, por meio de Luís da Silva, a trajetória comportamental do homem fragmentado, como sendo um indivíduo que estava incomodado com o mal da modernidade. Percebe-se através do personagem do romance as inquietações que contribuíram para o desenvolvimento de todo o contexto narrativo da obra. É um romance que perpassa as fronteiras do romance regionalista, pois conseguiu construir um valor ligeiramente elevado ao cenário do homem pessimista quanto ao sentimento de liberdade. *Angústia* ironiza o tratamento da consciência moderna, acarretando na perda das ideias de identidade nacional.

4. ANGÚSTIA E MEMÓRIA: a crise existencial do ser em Luís da Silva na obra *Angústia* de Graciliano Ramos.

A obra *Angústia* de Graciliano Ramos apresenta-se ao leitor como uma prosa de ficção toda escrita em primeira pessoa sem divisões de capítulos, apenas marcada por retomadas do discurso do personagem principal Luís da Silva. Em contrapartida, os parágrafos começam com uma escrita até certo ponto tímida logo nas primeiras páginas, mas à medida que os fatos vão sendo descritos o leitor se encontra em meio a um diálogo excessivo que acompanha as crises do protagonista, que mistura lembranças do seu passado remoto com seu raciocínio ilógico do presente, almejando a lógica do ser. Dessa forma, em *Angústia* as ações são marcadas pelo recurso da narrativa não-linear, dando ainda mais ênfase às crises internas de Luís com o mundo a sua volta.

Neste capítulo discorre-se embasado em fragmentos destacados na obra que contribuam para a analogia do personagem Luís da Silva. Desse modo, seguindo o que se propõe na pesquisa, cada discussão apresentada se refere aos modos de existir do personagem que narra sua trajetória de forma não linear, bem como se sustenta com voltas a determinados períodos de sua vida. A partir disso, torna-se possível conhecer sobre a personalidade do personagem, envolva numa crise consigo e com o mundo que o mudou para pior.

4.1 A identidade fragmentada e decadente de Luís da Silva.

O personagem principal de *Angústia* desencadeia para o romance brasileiro no auge do modernismo, um homem, um Luís da Silva, descontente com a vida em meio ao mundo moderno da época. Seu despreparo ao novo é caracterizado pela maneira pessimista que o leva a ter uma identidade visivelmente fragmentada. Com isso, o protagonista transforma-se em um sujeito considerado sem nenhum zelo do seu próprio destino. Através da figura de Luís da Silva a decadência se instaura na perda do “eu” que não acredita na vida e nas pessoas; um homem que estava em febre por trinta dias e que acaba por se levantar e recontar seu monólogo para o leitor. O trecho a seguir aponta o primeiro contato do indivíduo com o mundo exterior após noites de tormentas:

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da rua da Lama (Ramos, 2023, p. 5-6).

Ademais, verifica-se um pessimismo exacerbado em relação aos lugares que o protagonista frequenta ao decorrer da narrativa. Diante das circunstâncias que se voltam para o meio urbano, onde os lugares e os grupos ditam as regras de quem entra ou sai de seu grupo social. Conseqüentemente, Luís demonstra que abomina tais comportamentos, chegando ao ponto de diminuir aquelas situações a uma profissão que para ele está abaixo da dignidade humana, como “uma espécie de prostituição”. Nesse desenrolar de pensamento chega a comparar as pessoas que frequentam esses locais com as prostitutas que precisam vender seu corpo para ter uma vida adequada aos padrões. Por onde passa Luís se ver rodeado de gente esnobe que só pensa no seu próprio *status*. Conforme relatado até o momento, Berman (1986, p. 35-36) em seus estudos sobre *Fausto de Goethe* afirma que “o único meio de que o homem moderno dispõe para se transformar – Fausto e nós mesmos o veremos – é a radical transformação de todo o mundo físico, moral e social em que ele vive”, ou seja, comprova-se que é inevitável a mudança, posto que para desenvolver sua identidade, basta que o sujeito acompanhe a metamorfose existente no mundo.

O pensamento de Luís da Silva vai norteando todo seu emblemático problema com a sociedade que para ele está cada vez mais condenada à miséria humana. No fragmento a seguir o protagonista cita um de seus amigos para apresentar argumentos:

Dr. Gouveia é um monstro. Compôs, no quinto ano, duas colunas que publicou por dinheiro na seção livre de um jornal ordinário. Meteu esse trabalhinho num caixilho dourado e pregou-o na parede, por cima do bureau. Está cheio de erros e pastéis. Mas dr. Gouveia não os sente. O espírito dele não tem ambições. Dr. Gouveia só se ocupa com o temporal: a renda das propriedades e o cobre que o tesouro lhe pinga (Ramos, 2023, p. 7).

Ante ao que foi exposto, há um arrebatamento pelo qual o fluxo de consciência do personagem revela no seu interior o desprezo com os falsos medalhões, uma típica classe dos tempos modernos, mas preocupada com questões econômicas. O personagem recorre ao Dr. Gouveia para argumentar seu diálogo com mais clareza, visto que sua mente anda muito confusa. O desprezo é notório nesse segmento, pois coordena uma tentativa de alinhar o pensamento com a exposição dos fatos. Com isso, nota-se que assim o protagonista de *Angústia* usa referências e analogias das pessoas que eventualmente interagem com ele para deixar claro seu discurso sobre o mal da modernidade.

A narrativa é fragmentada em seções temporais, o que repassa a ideia de fragmentação memorialista, traço de uma mente confusa. Avanços e recuos delineares no tempo, remetendo a uma viagem pela memória, um vai e vem. Nessa perspectiva, ao andar pelas ruas Luís da

Silva não consegue se concentrar e acaba sendo obrigado a lembrar de acontecimentos remotos que se combinam para dar origem ao dilema da fragmentação:

À medida que o carro se afasta do centro sinto que me vou desanuviando. Tenho a sensação de que viajo para muito longe e não voltarei nunca. Do lado esquerdo são as casas da gente rica, dos homens que me amedrontam, das mulheres que usam peles de contos de réis. Diante delas, Marina é uma ratuína. Do lado direito, navios. Às vezes há diversos ancorados. Rolam bondes para a cidade, que está invisível, lá em cima, distante. Vida de sururu (Ramos, 2023, p. 9).

Com base no argumento apresentado, evidencia-se que o personagem foge de sua realidade para outros momentos de sua vida, onde as pessoas eram melhores. No entanto, ressalta-se que Luís veio de uma família tradicional rica, fazendeiros – donos de terras, que foram perdendo poder até chegar no momento da perda de todos os bens materiais. Diante disso, Berman ao retomar a prosa de Marx (1986, p. 89) evidencia que: “O âmbito dos desejos e reivindicações humanas se amplia muito além da capacidade das indústrias locais, que então entram em colapso”. O desprendimento do personagem pela gente rica se dá devido seu modo de vida contrário aos bens que ele não possui no presente, sendo necessário recorrer ao fluxo do pensamento (in) constante por não se encaixar naquela posição social. Ainda nos aportes de Berman (1986, p. 89) conclui-se que: “O capital se concentra cada vez mais nas mãos de poucos”. Segundo o qual, o mundo não é mais o mesmo, ou seja, através disso os ricos não são mais aqueles de anos atrás, dos quais o personagem de *Angústia* fazia honrarias. Desse ponto, observa-se a decadência da família dos Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, reduzida ao nome de Luís da Silva.

O fardo carregado pelo protagonista é muitas vezes expressado por meio de encontros com pessoas que para ele podem ser consideradas amigas. Luís da Silva é um homem inconstante, no entanto, consegue de uma vez por outra trocar em poucas palavras pensamentos compartilhados com um amigo. Prontamente, no trecho vê-se Luís acompanhado de Moisés, a quem sempre costuma trocar confidências:

Dois minutos depois estamos sentados num banco da praça Montepio. Aqui há sossego, não vêm cá certos indivíduos impertinentes. O que me desgosta é ver de relance, nos bancos do centro, que a folhagem disfarça mal, pessoas atracadas. Sinto furores de moralista. Cães! Amando-se em público, descaradamente! Cães! Tremo de indignação. Depois esmoreço: julguei distinguir entre as folhas dos crótons o vulto de Marina. Foi ilusão, mas a imagem permanece. Cachorrada!
Moisés fala em políticos reacionários. Encho-me de ferocidade:
— Malandros! ladrões! (Ramos, 2023, p. 30-31).

É notório o desgosto de Luís da Silva por qualquer que seja as situações e condições que as pessoas se apresentam a ele, desse modo, obviamente a personalidade do homem é afetada por coisas que até certo ponto são para ele inferiores aos seus olhos, que quando vistas lhe provocam repulsa. Nas conversas com o amigo Moisés, percebe-se que são poucos os

assuntos que lhe interessam; se enfada com muita facilidade (com as banalidades), assuntos corriqueiros que julga ser sem interesse pelo fato de não suportar os políticos e vagabundos. Grosso modo, pondera-se, segundo Bauman (2021, p. 136), nos quais o autor enfatiza acerca do impulso que “na direção de uma “comunidade de semelhança” é um signo de recuo não apenas em relação à alteridade externa, mas também ao compromisso com a interação interna, ao mesmo tempo intensa e turbulenta, revigorante e embaraçosa.”, assim, combina-se as circunstâncias das situações externas com base voltadas às injúrias sofridas pelo protagonista de *Angústia*, corroborando para sua repugnância interior como alguém que sente as extremidades da catástrofe humana infindável num movimento contínuo à sua relação com o outro, ressaltando a seletividade do personagem.

O personagem deixa claro em seu depoimento que o “tipinho” que ele mais tem aversão é gente como seu inimigo Julião Tavares, sujeito que ao apresenta-se na obra e busca de imediato aproximação com o protagonista. Nota-se no trecho a chegada de Julião Tavares:

Foi por aquele tempo que Julião Tavares deu para aparecer aqui em casa. Lembra-se dele. Os jornais andaram a elogiá-lo, mas disseram mentira. Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. No relógio oficial, nos cafés e noutros lugares frequentados cumprimentava-me de longe, fingindo superioridade:

— Como vai, Silva?

À noite chegava-me a casa, empurrava a porta e, quando eu menos esperava, desembocava na sala de jantar, que, não sei se já disse, é o meu gabinete de trabalho. E lá vinham intimidades que me aborreciam. Linguagem arrevesada, muitos adjetivos, pensamento nenhum.

Conheci esse monstro numa festa de arte no Instituto Histórico. De quando em quando um cidadão se levantava e lia uma composição literária. Em seguida uma senhora abancava ao piano e tocava. Depois outra declamava. Aí chegava de novo a vez do homem, e assim por diante. [...] À saída deu-me um encontrão, segurou-me um braço e impediu que me despencasse pela escada abaixo. Desculpou-se por me haver empurrado, agradeceu ter-me agarrado o braço e saímos juntos pela rua do Sol. Repetiu pouco mais ou menos o que tinha dito no discurso e afirmou que adorava o Brasil (Ramos, 2023, p. 53-54).

O perfil descrito por Luís condiz com a tese defendida no diálogo de *Angústia* ao condicionar os valores que o protagonista julga não estarem de acordo com os seus. Julião Tavares é assim seu lado oposto, porque serve aos títulos patrióticos por sua vontade. Representa alguém que tem dinheiro para cometer devaneios dos quais Luís da Silva não dispõe, pois seu ordenado é contado. Desde o primeiro encontro dos dois, Julião Tavares começa a fazer visitas. Tais visitas são para o protagonista afrontas para seu modo decadente de vida. A figura de Tavares é uma ameaça à identidade de Luís da Silva, pois esse é um sujeito repugnante que segue todos os preceitos de um mundo considerado ameaçador à existência humana. Julião Tavares era rico, frequentava os melhores lugares, vestia-se bem, era influente, coisa que Luís não era e menospreza. Para ele esses “tipinhos eram uns ratos”.

Os aspectos de composição de Luís da Silva no romance acarretam nas dimensões da sua identidade fragmentada que se caracteriza pela as constâncias impostas pela urgência moderna. Assim, abarca as questões econômicas e políticas, culminando na socialização do personagem com os indivíduos dos locais frequentados:

Foi por aquele tempo que Julião Tavares deu para aparecer aqui em casa. Lembra-se dele. Os jornais andaram a elogiá-lo, mas disseram mentira. Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. No relógio oficial, nos cafés e noutros lugares frequentados cumprimentava-me de longe, fingindo superioridade:
 Ora, um dia, sem motivo, convidei d. Aurora para o cinema. Tenho desses rompantes idiotas. Faço uma tolice sabendo perfeitamente que estou fazendo tolice. Quando tento corrigir o disparate, caio noutro e cada vez mais me complico. Foi o que se deu. Convidei d. Aurora e a neta para o cinema. Arrependi-me e ofereci-lhes refrescos. Aceitaram tudo — e começou a minha tortura. Lá fui com elas, capiongo, pagar bonde, sorvetes e três cadeiras. Tipo besta.
 — Aguenta, maluco, trouxa, filho de uma puta. (Ramos, 2023, p. 43).

Dessarte, enfatiza-se que o personagem tenta estar próximo de algumas pessoas em situações corriqueiras, pois Luís compreende que seu ideal de identidade deve corresponder aos anseios da socialização, desse modo, o personagem decide levar suas vizinhas para passeio, como maneira de construir vínculo afetivo. Porém, nas páginas de *Angústia*, estas moderações de pensamento recaem em seu comportamento social, dando o tom à fragmentação do sujeito recorrente da sua incapacidade de aceitação aos recursos escassos que o mundo passou a oferecer. A ideia de fragmentação se manifesta com esse processo no qual Luís precisa mudar para agradar ou conviver em paz consigo. É constante a necessidade de construir algumas dessas relações, mas o preço é alto para que Luís consiga construir sua identidade exigida pelo meio citadino.

As situações envolventes com o personagem contribuem para sua profunda descentralização em caráter social, Luís firma-se a necessidade de ser um sujeito mais convencional aos modelos daquele ambiente que vive. A partir das noções econômicas e políticas pondera-se a condição da fragmentação no contexto inserido a ele, dando uma profundidade na construção identitária do seu eu em conflito com o mundo moderno:

Levantei-me, aprumei-me e recolhi-me, com o livro debaixo do braço, a cara enferrujada, importante. Na véspera o diretor me tinha dito:
 — Necessitamos um governo forte, seu Luís, um governo que estique a corda. Esse povo anda de rédea solta.
 Um governo duro.
 E eu havia concordado, naturalmente:
 — É o que eu digo, doutor. Um governo duro. E que reconheça os valores.
 Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor. O aluguel da casa estava pago. Andava em todas as ruas sem precisar dobrar esquinas. Por uma diferença de dois votos, tinha deixado de ser eleito Secretário da Associação Alagoana de Imprensa. Quinhentos mil-réis de ordenado. Com alguns ganchos, embirava uns setecentos. [...] (Ramos, 2023, p. 46-47).

Com isso, verifica-se a impotência da identidade de Luís, haja vista seu monólogo de sujeito que vive em uma sociedade cuja característica se associa as ideologias advindas da elite. Por conseguinte, ressalta-se o impasse da aceitação imposta por quem tem poder sobre os mais fracos. A figura de Luís é levada pela circunstância de que não pode contradizer o diretor a quem o diálogo elucidada. Vê-se a sua fragmentação pelo que se conhece do personagem, sendo ele um homem que abomina a sociedade, mas que de alguma maneira necessita dela à medida que se instaura o aspecto da decisão. Dessa maneira, ele dá a resposta que possivelmente o chefe precisava ouvir. As questões financeiras sempre estão presentes na vida do personagem, pois julga-se ser “um valor miúdo, uma espécie de níquel social”, isso demonstra a contradição de Luís ao que tange sua condição financeira, pois leva-se em consideração seu sentimento após ter pago o aluguel da casa que morava, nota-se mais uma vez que se ele tivesse condições financeiras igualmente as pessoas com quem se relaciona, ele agiria conforme os costumes e interesses da camada mais elitizada.

A partir disso, conclui-se que a fragmentação e decadência de Luís da Silva em *Angústia* estão relacionadas à sua vida marcada pelas questões sociais amarradas ao capitalismo que dita as condições de vida humana. A modernidade para o protagonista não trouxe benefício algum, apenas seguiu um padrão de consumo alto que nem todos têm direito. Nesse sentido, através do modo pessimista que Luís da Silva vê a vida, explica-se o fato dele manter suas crises de identidade, ou seja, os lugares e as pessoas que o cercam configuram sua constante fragilidade e insegurança. Por fim, o fato do protagonista se fechar para o mundo, abrindo espaço apenas para companhias seletivas do seu interesse com foco pautado nos bens materiais, compõem sua decadência social.

4.2 À angústia existencial ao monólogo interior do personagem.

A narrativa do romance é construída pelo fluxo de consciência conturbada de Luís da Silva, que hora ou outra delira em devaneios condizentes com seu estado de espírito. Assim, a crise de identidade do personagem é acometida em soma pelas frustrações com as coisas do mundo moderno, das quais o protagonista não estava preparado para encarar ou não possuía interesse. Dessa forma, pequenas e grandes situações atingem sua vida, levando-o ao extremo desespero por não se encaixar nas condições e padrões sociais exigidos ao homem moderno. Além disso, a fragilidade interna de Luís da Silva corrobora para seu monólogo interior, consistindo na angústia geradora dos seus conflitos.

Nesse contexto, o seguinte fragmento descreve como a mente de Luís funciona constantemente:

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.

Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a resma de papel fica muito reduzida (Ramos, 2023, p. 6).

Diante disso, verifica-se como o ser do protagonista rege sua mente conturbada. Em meio as suas tormentas, o personagem entra em crise de identidade, vendo-se como um sujeito velho já usado pelo tempo que passou enfermo em seus trinta dias acamado. Posteriormente, resta o seu trabalho de funcionário público, segundo o qual o personagem tenta retomar, mas que não consegue prender atenção devido ao fato de estar altamente doente por dentro, aspecto notado pela sua fisionomia debilitada. Ao tentar realizar seu ofício, Luís da Silva se perde em seus pensamentos que chegam sempre à imagem distorcida do inimigo direto Julião Tavares.

A partir da transparência dos fatos, Luís da Silva entra incessantemente em crises que revelam uma perturbação do inconsciente, ocasionando para ele a perda da consciência lógica. Postulante a essa situação, o trecho a seguir se refere ao pensamento do homem, mas precisamente em relação ao seu estado corrompido, numa tentativa de estabelecer coerências entre seu eu interior e o ambiente exterior que ele trafega:

O que eu devia fazer era mudar de casa. Esta é inconveniente, cheia de barulhos, parece mal-assombrada. Os ratos não me deixavam fixar a atenção no trabalho. Eu pegava o papel, e eles começavam a dar uns gritinhos que me aperreavam. Tinham aberto um buraco no guarda-comidas, viviam lá dentro, numa chiadeira infernal. Às vezes havia um cheiro de podridão. Vitória se enfrenesiava, andava para cima e para baixo, manejando um regador com água e creolina, molhando tudo. Mas o fedor resistia. Afinal íamos encontrar o armário dos livros transformado em cemitério de ratos. Os miseráveis escolhiam para sepultura as obras que mais me agradavam. Antes, porém, faziam um sarapatel feio na papelada. Mijavam-me a literatura toda, comiam-me os sonetos inéditos. Eu não podia escrever. [...]

Os ratos é que me roíam a paciência. Corrote, corrote — era como se roessem qualquer coisa dentro de mim. [...] (Ramos, 2023, p. 116-117).

Consoante a isso, em seu monólogo interior o personagem conversa consigo em eventuais períodos, julga está rodeado por seres vivos que o confrontam diretamente no seu habitat. Desse modo, repara-se que dentro do seu lar os ratos são repugnantes, pois o homem é obrigado a viver com eles num ambiente totalmente deplorável, vendo-os destruírem tudo a sua volta. O odor da destruição desses bichos impregnam-se nos cômodos, oferecendo ainda o cheiro de podridão constante na qual Luís vive. Em meio aos seus conflitos internos, Luís sente em suas extremidades como se o ratos de tão perto do seu convívio roessem sua carne de dentro

para fora; o chiar dos ratos está impregnado em sua cabeça. Nesse sentido, pode-se considerar que esse roer dos ratos simboliza o interior do personagem que está apodrecendo, afinal, os detalhes e descrições do lugar conservam a degradação e podridão da casa e do próprio eu e corpo de Luís da Silva que vive imerso em um ambiente claustrofóbico.

A angústia existencial se volta para a mente do herói que a sociedade insiste em atravessar o caminho. Evidencia-se a seguir uma passagem que permeia o contato entre Luís e os transeuntes sem conciliar seu estado com a realidade:

Como certos acontecimentos insignificantes tomam vulto, perturbam a gente! Vamos andando sem nada ver, o mundo é empastado e nevoento. Súbito uma coisa entre mil nos desperta a atenção e nos acompanha. Não sei se com os outros se dá o mesmo. Comigo é assim. Caminho como um cego, não poderia dizer por que me desvio para aqui e para ali. Frequentemente não me desvio — e são choques que me deixam atordoado: o pau do andaime derruba-me o chapéu, faz-me um calombo na testa; a calçada foge-me dos pés como se se tivesse encolhido de chofre; o automóvel para bruscamente a alguns centímetros de mim, com um barulho de ferragem, um raspar violento de borracha na pedra e um berro do chauffeur. Entro na realidade cheio de vergonha, prometo corrigir-me. — “Perdão! Perdão!” digo às pessoas que me abalroam porque não me afastei do caminho. As pessoas vão para os seus negócios, nem se voltam, e eu me considero um sujeito mal-educado. Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo, ouvir o Currupaco, ler, escrever. A multidão é hostil e terrível. Raramente percebo qualquer coisa que se relacione comigo: um rosto bilioso e faminto de trabalhador sem emprego, um cochicho de gente nova que deseja ir para a cama, um choro de criança perdida. Às vezes isso me perturba, tira-me o sono. [...] (Ramos, 2023, p. 171).

A ruína de Luís da Silva se dar pela forte insegurança que consiste na intromissão conturbada de seu fluxo frenético de consciência, atribuindo incoerência do que ele está fazendo e do que ao mesmo tempo pensa. Ademais, o personagem através do monólogo revela as questões que assolam sua mente atordoada, ou seja, Luís se vê como um sujeito inferior aos demais, anda curvado com medo de olhar diretamente nos olhos das outras pessoas; articula seu pensamento de forma abrupta, relacionado aos movimentos que faz a cada instante de modo que o corpo pesa, a mente se perturba ainda mais com o barulho da cidade. A modernidade é uma espécie de perturbação que assola e impacta o personagem, mostrando que Luís nunca se adaptou a ela e, por isso, anda sempre queixoso. Em consequência disso, frisa-se que a angústia de Luís parte do seu espírito humano que vive retraído ao reflexo da sua consciência. Dessa maneira, salienta-se os discursos de Sartre (2007) quando ele assegura que a existência tem por finalidade a noção de “reflexo-refletido”, logo se o ser humano a admite, isso, age de jeito contrário, “a conceber um modo de ser diferente do Em-si: não uma unidade que contenha uma dualidade, nem uma síntese que transcenda e capte os momentos abstratos da tese e da antítese, mas uma dualidade que é unidade, um reflexo que é sua própria reflexão.” (Sartre, 2007, p.

124). Por isso, deduz-se que o desajuste da vida moderna começa a partir da dualidade do personagem, partindo da sua perspectiva de vida que é um reflexo da sua mente conturbada. Para Luís a sociedade é hostil, por isso seu comportamento em tentar se afastar dela e fugir para um lugar seguro. Em seu discurso, observa-se que o homem pede desculpas continuamente, o que revela uma submissão aos moldes necessários ao aspecto cidadão. Dessa maneira, pode-se considerar que Luís chega ao seu limite social, porque decide que a sociedade não tem mais salvação, assim como ele.

Evidentemente, conhecendo a trajetória de Luís se pode afirmar que após ter se fechado para o mundo, o protagonista cria nojo de si, pois em determinado momento em um de seus pensamentos afirma que nutria o sentimento de se lavar constante:

Lavo as mãos numa infinidade de vezes por dia, lavo as canetas antes de escrever, tenho horror às apresentações, aos cumprimentos, em que é necessário apertar a mão que não sei por onde andou, a mão que meteu os dedos no nariz ou mexeu nas coxas de qualquer Marina. Preciso muita água e muito sabão. Viver por detrás daquelas grades, pisar no chão úmido, coberto de escarros, sangue, pus e lama, é terrível. Mas a vida que levo talvez seja pior. Não tinha medo da cadeia. Se me dessem água para lavar as mãos, acomodar-me-ia lá. Podia o resto do corpo ficar sujo, podiam os piolhos tomar conta da cabeça e as roupas esfrangalhadas cobrir mal a carne friorenta. Se me dessem água para lavar as mãos, estaria tudo muito bem (Ramos, 2023, p. 207).

Essa descrição em relação aos hábitos compulsivos de higiene do personagem coincide com sua personalidade e opinião em razão da trajetória pessimista. As condições de vida de Luís corroboram para esses anseios de está sempre limpo das impurezas do mundo que o assolam. O nojo manifestado pela personagem em relação aos toques de mãos entre as pessoas marcam até certo ponto a sua indiferença aos moldes da sociedade de seu tempo. Ademais, ao enfatizar que não teme a cadeia, mas, sim, ficar sem poder lavar as mãos, relaciona-se ainda a perspectiva do indivíduo com seu próprio ser, ou seja, lavar as mãos significa para Luís uma posse indispensável de si, que mesmo por não ter uma vida totalmente estável pode pelo menos manter as mãos livres de qualquer sujeira, evitando de alguma forma está totalmente submisso. Porquanto, Bauman (2011, p. 23) verifica que o “resultado da rebelião” no sentido de oposição às normas, atribuindo-se ao sujeito rebelado que não seja totalmente um “besta”, ainda conseguindo avaliar sua própria condição “é uma agonia perpétua de indecisão ligada a um Estado de incerteza sobre as intenções e movimentos dos outros ao redor – o que faz da vida um inferno”. Então, daí explicita-se, de certo modo, o conflito existencial intensificado com o monólogo do personagem que sente um nojo do mundo moderno.

Por ser uma narrativa circular, o leitor ler *Angústia* sentindo-se moldado pelo narrador, que o obriga adentrar na mente conturbada do personagem, além de conhecer a angústia existencial sentida por intermédio de Luís. Esse leitor se obriga a conhecer as situações, os

motivos e os efeitos das ações do indivíduo que comete dramaticamente ações que aos olhos da lei o levariam a prisão. Luís da Silva mata seu inimigo Julião Tavares ao decorrer do romance. A partir daí se espera que ele se sinta culpado, contudo, o homem não demonstra o sentimento de culpa, pelo contrário, percebe-se que o medo de talvez ser descoberto após cometer o assassinato é o que leva de fato o desfecho desse personagem, que entra em febre durante longas noites sem dormir, tresvariando em sua cama em pensamentos que não mantêm uma sequência lógica.

— Não fui eu. Escrevo, invento mentiras sem dificuldade. Mas as minhas mãos são fracas, e nunca realizo o que imagino.

Olhei as mãos. Pareceram mais curtas e mais largas que as mãos ordinárias que escreviam artigos elogiando o governo. Os dedos inchados eram mais curtos e mais grossos. Necessário fechar as portas. Outro vagabundo viria bater e confundir-se com o homem da polícia. Os braços doíam-me, as mãos penduradas doíam-me. Cruzei os braços, fui à cozinha. Vitória cortava carne em cima da mesa preta.

— Vitória, estou sem fome, ouviu?

A mesa preta do necrotério. O médico, de avental. Numa rua afastada, uma mulher chorando. As minhas mãos em carne viva.

— Estou muito doente, Vitória. Não quero almoçar. Dê a boia a algum maloqueiro que aparecer por aí. E feche as portas depois. Vou deitar-me, não me aguento nas pernas (Ramos, 2023, p. 291-292).

Com isso, o homem marca sua fragilidade que conseqüentemente afeta na sua integridade. Vê-se o personagem chegar de fato ao ápice de sua angústia, dando uma tensão ainda mais drástica a sua crise existencial. Percebe-se que Luís da Silva entra no seu mundo cheio de fragmentos, pois as lembranças passadas e presentes o fazem cair em si. Sua fragmentação e decadência é notada após cometer o crime contra Julião Tavares, após ter o sentimento de liberdade ao matar o inimigo, e, em seguida, chega em sua consciência cheia de tormentos o suficiente para que ele se entregue de vez ao delírio. Desse modo, o monólogo é somado a tensões do seu desconforto com o mundo que corrompeu sua alma e natureza já decadente e deformada.

3.3 As memórias da vida rural em meio às memórias e frustrações sociais do presente irremediável.

O conflito entre Luís e a cidade perpassa os princípios de sua trajetória de vida no decurso do romance. É em meio às suas relações com o mundo exterior que se conhece o rompimento de sua constância de vida decadente. A memória é aqui um ponto chave para o leitor tomar conhecimento da história de vida do homem que está inserido em um conflitante monólogo particular. Nesse contexto, através das lembranças do passado remoto e do presente,

Luís apresenta sua própria vida, dando argumentos a analogia diária dos anos que se passaram desde a infância até chegar na sua fase adulta, sendo ele agora um sujeito de trinta e cinco anos.

Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo. Os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a vitória do partido que padre Inácio chefiava. Dez ou doze reses, arrepiadas no carrapato e na varejeira, envergavam o espinhaço e comiam o mandacaru que Amaro vaqueiro cortava nos cestos. O cupim devorava os mourões do curral e as linhas da casa. No chiqueiro alguns bichos bodejavam (Ramos, 2023, p. 11).

Com isso, elucida-se que é na infância decadente que Luís vai buscar os principais elementos para compor seu monólogo, afinal foi em sua infância que todo seu sentimento de desprezo ao mundo moderno começou. A partir dessa recuperação de memória, encontra-se algumas das respostas às características do personagem. Ao trazer a figura do avô Trajano Pereira de Aquino e Silva e dos problemas que a fazenda passava na época, inicia seu fluxo de memória, misturando lembranças passadas com as mais recentes. O personagem ao apresentar também o pai Camilo Pereira da Silva de forma reduzida descreve ainda a vida bucólica que o pai tinha na época em que viviam juntos na fazenda; o pai lia, deitava-se na rede sem nenhum tipo de preocupação. Conhece-se a figura de Camilo através da construção ilógica de Luís que vagueia nas suas lembranças. Os elementos citados pelo personagem combinam com as características de um ambiente rural. Ora, Luís traz às reses cobertas de carrapato e varejeira que já pareciam poucas, os mourões e os bichos dos chiqueiros como conservação da memória rural. Vale salientar ainda que é na infância que Luís da Silva acha um lugar de certo modo cômodo, pois tudo que aprendia era por parte do avô, do pai e dos empregados da fazenda, atribuindo a ele uma trajetória fascinante. Desse modo, o modo de ser do herói de *Angústia* carrega em si um pouco de cada um que no passado contribuíram para sua sobrevivência.

Penso em mestre Domingos, no velho Trajano, em meu pai. Não sei por que mexi com eles, tão remotos, diluídos em tantos anos de separação. Não têm nenhuma relação com as pessoas e as coisas que me cercam.

Releio com desgosto o artigo que vou dar a Pimentel.

Os defuntos antigos me importunam. Deve ser por causa da chuva. Nos meses compridos daqueles invernos de serra muitas vezes fiquei tardes inteiras sentado à porta da nossa casa na vila, olhando a rua que desaparecia debaixo de um lençol branco de água em pó. Os chuviscos entravam pela sala, os móveis e a roupa da gente pareciam cobrir-se de pontinhas de alfinetes. De tempos a tempos um vulto embaçado passava na calçada. O velho Acrísio, de cachimbo na boca, chegava à janela para conversar com meu pai [...] (Ramos, 2023, p. 14-15).

Percebe-se que as lembranças do personagem são desencadeadas por situações que se apresentam a ele, sem nenhum motivo aparente; seus pensamentos conseqüentemente levam-no para um passado remoto em que surgem figuras que não estão mais vivas, mas que por algum

motivo se sobrepõem aos acontecimentos do seu presente. Para além disso, é perceptível que muitas das memórias de Luís são influenciadas por descontentamento com as pessoas e suas ações. O personagem tem a necessidade de fugir para encontrar os mortos de seu passado, relembando acontecimentos que se misturam aos recentes, dando um tom de frenesi em sua construção lógica, que em muitos casos nem ele consegue compreender por que precisa disso. Halbwachs (1990, p. 51) explícita que nas questões de interferências coletivas “a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos [...]”. Afinal, suas tentativas em explicar as ações involuntárias modulam a narrativa como se ele precisasse de fato recorrer àquele passado para alinhar ou aliviar os pensamentos do presente.

Tratando-se das lembranças rurais de Luís da Silva, tem-se a consequência do processo de desenvolvimento do personagem que através da sua identidade fragmentada recorta os acontecimentos e elementos da vida interiorana na fazenda de seu avô. Em contrapartida, a trajetória de Luís na obra se relaciona com a capacidade do homem que vê o mundo como um espelho da hipocrisia humana. O retorno à infância obriga-o a recordar momentos difíceis, mas também reflexivos, tornando possível entender o apego do personagem ao campo. A seguir tem-se outro fragmento em que Luís narra elementos surgidos vagamente na sua consciência, mas que ganham proporção maior quanto mais chegam ao seu pensamento:

[...] Penso em coisas percebidas vagamente: o gado, escuro de carrapatos, roendo a madeira do curral; o cavalo de fábrica, lazarento e com esparavões; bodes definhando na morrinha; o carro de bois apodrecendo; na catinga parda, manchas brancas de ossadas e o voo negro dos urubus. Tento lembrar-me de uma dor humana. As leituras auxiliam-me, atizam-me o sentimento. Mas a verdade é que o pessoal da nossa casa sofria pouco. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva caducava; meu pai vivia preocupado com os doze pares de França; Quitéria, coitada, era bruta demais e por isso insensível. Os outros moradores da fazenda, as criaturas que viviam em ranchos de palha construídos nas ribanceiras do Ipanema, não se queixavam. José Baía falava baixo e ria sempre. Sinha Terta rezava novenas e fazia partos pela vizinhança. Amaro vaqueiro alimentava-se, nas secas, com sementes de mucunã lavadas em sete águas, raiz de imbu, miolo de xiquexique, e de tempos a tempos furtava uma cabra no chiqueiro e atirava a culpa à suçarana. Dores só as minhas, mas estas vieram depois (Ramos, 2023, p. 33-34).

Nesse sentido, afirma-se que o personagem de *Angústia* era um homem do campo, do sertão nordestino, mas que se transformou em homem da cidade. As lembranças da infância no sertão evidenciam suas dificuldades em se adaptar ao ritmo da sociedade moderna, eclodindo nas mudanças sociais causadoras de eventuais problemas que afetam ou até mesmo agridem sua existência. Os animais e as pessoas a quem Luís tinha contato na infância simbolizam a saudade daqueles tempos remotos que não voltam mais ao protagonista. Nessa circunstância, restam as lembranças compartilhadas juntamente com as coisas que vêm à mente do homem a

todo instante. Ao citar sua relação com as leituras, percebe-se que Luís era também um homem atraído pelos romances, pode-se considerar que ele via nas leituras uma forma de escape do seu plano real, como uma busca constante de preservação do seu eu. Para mais, Luís ainda relembra pessoas fundamentais daquele tempo, grupos que se assemelham e coordenam seu sentimento; vê-se, porventura, que o protagonista afirma nunca ter sentido dor, o que resulta na sua incapacidade traumática e dolorosa sofrida no presente.

As lembranças da infância de Luís se perpetuam no presente, posto que não consegue desprender-se delas. O trecho abaixo marca mais um resquício das memórias do personagem com base em sua vida de criança que se movia pela curiosidade:

Pensei em Amaro vaqueiro e em seu Evaristo. Trepado no mourão do curral, Amaro passava uma hora aboiando.

— Vou laçar a novilha careta.

E a corda de couro girava. Na extremidade o laço ia acima e vinha abaixo.

Na escola de seu Antônio Justino, decorando a geografia, eu comparava Amaro vaqueiro ao sol. Amaro vaqueiro era uma espécie de sol trepado num mourão. O laço que girava em redor dele era a terra. De repente essa terra esquisita caía sobre a novilha careta e prendia-lhe os chifres. Quando havia poucas reses, o exercício era brincadeira. Mas em tempo de pega o curral se enchia, os cornos se chocavam, e mal se distinguia a cabeça do animal visado. O laço rodava no ar uma eternidade, descia, passava perto do alvo, tornava a subir. Amaro aboiava, e os animais agitavam-se, batendo as pontas. Sentado no último pau da porteira, eu tinha o coração aos baques e torcia desesperadamente. As minhas mãos umedeciam-se de suor. Por que era que Amaro não acabava logo aquilo? Subitamente o aboio estacava, o laço caía, o zunido da corda continuava um instante no ouvido da gente. O animal estava preso (Ramos, 2023, p. 198-199).

Mediante a isso, as memórias do personagem se concentram na sua infância, recordando dos momentos adequados a sua idade. Luís da Silva viveu na fazenda de seu avô, lá ele aprendeu pouca coisa sobre o mundo. O personagem ainda viu a decadência da família, contudo, isso não tinha uma parcela significativa abaladora na sua infância, pois ele era um menino que brincava igual as outras crianças. Seu Antônio Justino e Amaro Vaqueiro foram pessoas que tiveram suma importância nas relações sociais com outros grupos que naquela época viviam bem. O vaqueiro simboliza para Luís um sujeito que só se preocupava em correr atrás de bois; Antônio mostra apenas a preocupação com a educação do personagem que ia à escola, mas só pensava em aprontar e está livre correndo no mato. Halbwachs (1990, p. 64) defende as noções de contato da criança com os adultos, porque através da relação estabelecida na infância, o indivíduo tende a despertar-se quanto ao seu meio social, nisso, ele propõe que “a criança está em relação com uma categoria de adultos nos quais a simplicidade habitual de suas concepções os aproxima dela.”. Destarte, o contato com esses adultos fez com que o personagem evocasse o primeiro quadro de sua história, relacionando-o com os grupos sociais da fazenda do avô.

Luís da Silva busca nas lembranças a presença daquela gente, acometendo boa parte dos seus pensamentos àquele meio no qual conviveu e guardou consigo.

Diante das amostras, confirma-se que Luís da Silva (re)construiu lembranças de uma vida aparentemente boa, mesmo que no fundo perceba-se às dificuldades enfrentadas enquanto criança, porém, a vinda para a cidade logo após a morte do avô e do pai marcam mnemonicamente o começo de sua ruína. As retomadas às lembranças de situações, de momentos e de pessoas que fizeram parte da trajetória do personagem marcam um enfrentamento ao mundo que fragmentou Luís e suas lembranças, tornando assim evidente a decepção existencial do protagonista de *Angústia*. O fluxo da memória não se limita só na descrição, mas também na inquietação do homem que sobrevive a partir dos recortes no seu próprio monólogo. Ademais, o leitor do romance amplia as ideias baseadas no sentido passado pelo próprio personagem. Em suma, destaca-se que as memórias de Luís da Silva perpassam por sua trajetória da infância no sertão, período de retirante e sua vida mais estável de funcionário público.

4.4 A visão materialista do mundo moderno a partir da relação líquida/amorosa de Luís da Silva e Marina.

O mundo moderno aparou arestas irremediáveis a partir do interesse associado ao capitalismo, os aspectos materiais ganharam mais importância sobre determinadas relações entre o homem e a sociedade. As diferenças sociais foram sendo vistas entre as camadas mais ricas e as mais pobres. Na narrativa, Luís representa esse sujeito cuja principal função é a obrigação com o trabalho para manter seu baixo escalão de vida. Percebe-se em seu monólogo a construção de discursos típicos do homem que não consegue deixar de ser um reles funcionário público, mesmo que tenha um objetivo social. Ao decorrer do romance, o leitor conhece Luís como um homem simples, sem humildade, mas que tem como objetivo tornar-se um escritor renomado, pois ele bem diz que era bom com as palavras e poderia muito bem escrever um livro. Além desse desejo de ser escritor, o personagem demonstra que tem o desejo de se casar, nesse caso, surge de forma abrupta o namoro com sua vizinha Marina, com quem se relaciona diretamente.

Marina aparece e Luís já demonstra interesse de súbito a ela, atentando-se para a condição financeira que até o momento ele conseguia manter de forma estável com os ordenados que possuíam, mesmo que se julgue um “sujeito feio” e atrapalhado:

Apesar destas desvantagens, os negócios não iam mal. E foi exatamente por me correr a vida quase bem que a mulherinha me inspirou interesse — novidade, pois sempre fui alheio aos casos de sentimento. Trabalhos, compreendem? Trabalhos e pobreza. Às vezes o coração se apertava como corda de relógio bem enrolada. Um rato roíame as entranhas.

Nestes últimos tempos nem por isso. Antigamente era uma existência de cachorro. As mulheres tinham cheiros excessivos, e eu me sentia impelido violentamente para elas. [...] (Ramos, 2023, p. 42-43).

Portanto, a partir desse direcionamento se percebe o desarranjo amoroso de Luís da Silva, pois quando se depara com a figura da mulher já começa a nutrir uma paixão aparente. Entretanto, o personagem ainda mantém certa frieza com relação ao seu próprio desejo. Ora, Luís teme ficar sem receber seu ordenado justamente porque precisava pagar a pensão – “Vida de cachorro”. Mesmo preocupado com os deveres do trabalho, o personagem pondera que “o coração se apertava como corda de relógio”, daí constata-se seu preenchimento ao ver Marina no quintal. Ainda assim, o homem confirma que as mulheres “tinham cheiros excessivos” comprovando seus desejos carnisais. Essa idealização pode ser firmada na perspectiva de “amar o próximo”, colocando-se na esteira de Bauman quando esse induz a questão de “amar o próximo como se ama a si mesmo torna a sobrevivência humana diferente daquela de qualquer outra criatura viva” (Bauman, 2004, p. 71). Dessa maneira, relaciona-se a necessidade de amor na relação despertada ao encontro dos personagens induzida pela circunstância do relacionamento amoroso que cai repentinamente na vida de Luís.

Marina é descrita em *Angústia* como uma mulher “estúpida” pelos romances e os modos de pensar, mas ainda assim, Luís sente-se atraído por ela. A personagem representa a necessidade material dos objetos externos do mundo moderno, desafiando de algum jeito a integridade do protagonista. Com isso, observa-se que a mulher marca o início da desgraça do personagem que apaixonado começa a fazer besteiras absurdas para manter o relacionamento ativo, Luís ao decorrer da narrativa vai se endividando por conta desse amor:

Tornei-me, pois, amigo de Marina. Com certeza começamos por olhares, movimentos de cabeça, sorrisos, como sempre acontece. Depois, palavra aqui, palavra ali, em pouco tempo estávamos camaradas, tratando-nos por você. Procurando reproduzir os nossos diálogos, compreendo que não dizíamos nada. Frívola, incapaz de agarrar uma ideia, a mocinha pulava como uma cabra em redor dos canteiros e pulava de um assunto para outro. O que me aborrecia nela eram certas inclinações imbecis ou safadas.

— Por que é que você não manda fazer um smoking, Luís? Um rapaz que ganha dinheiro andar com essas roupas mal-amanhadas! Eu, se fosse você, brilhava, vivia no trinque.

Eu pilheriava com ela:

— Marina, nem só de smoking vive o homem (Ramos, 2023, p. 49).

Ante ao exposto, identifica-se o sentido produzido pelos diálogos dos dois que detinham opiniões contrárias um com outro. Ao começar amizade com Marina, Luís já tinha um certo

interesse, que se intensificou com a convivência. Por esse motivo, a liberdade foi dando lugar aos desejos mais profundos, passando a atuar nos momentos que se encontravam. Dentre os diálogos que chegam na narrativa por intermédio do personagem, possivelmente, conhece-se Marina como uma pessoa “frívola”, justamente pelas situações de conversas mantidas. A visão de materialidade aqui se instaura nessa concepção de ascensão social advinda do *status* capitalista de consumo que muitas vezes não são necessariamente iguais aos olhos um do outro. Vale ressaltar, a imaturidade de Marina nesse diálogo, claro que levando a expressão usada por Luís: “inclinações imbecís”, refletindo na questão capital do sujeito, por apenas priorizar os símbolos dos falsos medalhões.

Em determinado ponto da narrativa, tendo construído a “Marina ideal” ao seu modo, Luís a pede em casamento, todavia a partir daí se inicia as frustrações do personagem que após o pedido começa a perceber que o custo seria caro:

— Ora! ora! ora! Entre nós não há cerimônia. Arranja-se. Eu tenho umas economias, pouco, mas tenho. Também você não precisa de muita coisa. Umas fronhas, umas camisas...

Como veem, eu tinha boa vontade. O que receava era transformar as nossas relações, miúdas, num acontecimento social importante.

[...] Naturalmente gastei meses construindo esta Marina que vive dentro de mim, que é diferente da outra, mas se confunde com ela. Antes de eu conhecer a mocinha dos cabelos de fogo, ela me aparecia dividida numa grande quantidade de pedaços de mulher, e às vezes os pedaços não se combinavam bem, davam-me a impressão de que a vizinha estava desconjuntada. Agora mesmo temo deixar aqui uma sucessão de peças e de qualidades: nádegas, coxas, olhos, braços, inquietação, vivacidade, amor ao luxo, quentura, admiração a d. Mercedes. [...] (Ramos, 2023, p. 87).

Aqui, explica-se como o personagem foi moldando a caracterização de Marina à sua maneira, bem como a qual mulher que decidiu apegar-se. Luís conduz na sua consciência uma mulher toda desmontada, mas que vai sendo ajustada com frequência absoluta. Nesse sentido, considera-se que o sujeito já esteja apaixonado por ela a tal ponto de começar a retirar os poucos ordenados que detinha no banco, a fim de tornar pública a relação com ela. Quando descreve as características de Marina, Luís reafirma que ela nutre esse “amor ao luxo”, no qual se constitui uma relação líquida com base nos princípios de consumo da sociedade moderna. Para tanto, é nesse sentido que Bauman (2004, p. 50) ao discorrer que “na sociedade dos consumidores, o prestidigitador é a figura de sucesso.”, apresenta essa condição para às perspectivas consumistas, separando o não-consumidor (Luís da Silva) do consumidor (Marina). Nessas condições, ambos refletem uma disparidade gigantesca, Marina é uma espécie de *Material girl*, bem ao estilo musical que Madonna preconiza, e apresenta um ideal de consumo das futilidades que o mundo moderno preconiza. Esse sentimento de sujeito movido

pelo consumo parte dos anseios de igualdade aos padrões altos da classe rica, colocadas acima de tudo por ser uma espécie de “decência humana”.

A relação de Luís e Marina vai sofrendo um colapso a partir dos efeitos materialistas, já que o casamento era certeza até o momento; começaram então, os preparativos, Luís deu ordenados nas mãos de Marina julgando que iria fazer bom uso, no entanto, a mulher gastou tudo com coisas desprovidas:

Alguns dias depois Marina me chamou para mostrar os objetos que tinha comprado. Não era quase nada: calças de seda, camisas de seda e outras ninharias.

— Que é do resto?

— Que resto? perguntou espantada. É só isto. Veja se as camisas estão bem-feitas, diga se as cores lhe agradam.

— Muito boas, murmurei.

— Mas você nem está olhando.

— Para quê? Não entendo. O que vejo é que falta quase tudo.

— Que se há de fazer? É a carestia. Em todo o caso julgo que você aprova... Que remédio! Havia de brigar com ela, dizer-lhe que tivesse juízo, explicar que sou pobre, não posso comprar camisas de seda, pó de arroz caro, seis pares de meias de uma vez? Seis pares de meias, que desperdício! Se ela suasse no veio da máquina ou aguentasse as enxaquecas do chefe na repartição, não faria semelhante loucura. Mas não despropositei, como o coração me pedia.

— Está bem. Vamos comprar o resto. Faça economia, ouviu? Os cobres estão escassos (Ramos, 2023, p. 95).

Ora, compreende-se os motivos que encaminharam a levar a ruína do amor de Luís e Marina, certamente pela imprudência da mulher que passou a gastar todo o dinheiro dado pelo homem para ajustar os preparativos do casamento. Marina queria construir um marido aos moldes da elite, um sujeito com uma boa apresentação. Dessa forma, comprava objetos caros sem nem pensar nas consequências do outro dia, gastava tudo e pouco comprava. Luís também detinha de uma certa confiança naquela mulher, por certo, entregou tudo que tinha. No final das contas o personagem acaba ficando na “pindaíba”. O sentimento de amor a Marina levou a ruína de tudo que o homem tinha antes de conhecê-la. Para tanto, ele era econômico, porque sempre pensava no dia seguinte, o que Luís não queria era dever. Quando questiona Marina do despropósito, ela coloca toda a culpa na carestia, abdicando porventura à sua.

O desarranjo de Luís da Silva vem tomar proporções maiores quando Julião Tavares rouba Marina, antes do casamento. Após visitas em horários oportunos, a mulher passa a ser a nova conquista do “tipinho” que a leva para passeio em lugares que Luís nunca pode levar, até mesmo pela sua condição economicamente fraca. Passou a fazer visitas na casa e a chegar com embrulhos, comprar bebidas caras, todas as coisas que Luís julgava o estopim da mulher, que para ele escolhia marido pelo dinheiro:

Aos domingos iam ao cinema, juntos, de braço dado, bancando marido e mulher — ele com ar bicudo e saciado, ela bem-vestida como uma boneca e toda dengosa. Seda, veludo, peles caras, tanto ouro nas mãos e no pescoço que era uma vergonha. O pessoal da vizinhança povoava as janelas. D. Mercedes indignava-se, as filhas de

Lobisomem mostravam as caras espantadas entre as rótulas, Antônia andava como lançadeira, ouvindo os comentários. As exclamações iam de um lado para outro. Só queriam saber se ainda estava inteira (Ramos, 2023, p. 124).

A partir desse contexto, instaura-se a excessiva carga que o personagem de Luís da Silva desencadeou no seu interior. Às frustradas tentativas com Marina foram se pondo abaixo, visto que a face da mulher tinha se voltado a Julião Tavares. Julião Tavares dava “seda, veludo, peles caras”, joias que Marina exibia no passeio público. Os vizinhos paravam para ver aquelas aparições repetidas vezes dos dois, resultando na humilhação pública de Luís. Desse modo, o personagem transfigura seu modo inseguro de ser, acometido pelo capital representado por Julião Tavares. Portanto, a insegurança converte-se na irritação do personagem que viu sua relação derreter rapidamente. Dessa forma, depreende-se aqui dos discursos de Bauman (2011, p. 154) quando este argumenta a respeito das “inseguranças pessoais” que são ao mesmo tempo “intolerantes com qualquer coisa que funcione como obstáculo a seus desejos; e como muitos desses desejos serão de qualquer forma frustrados, não há escassez de coisas e pessoas que sirvam de objeto a essa intolerância.”. Diante do exposto, considera-se as revoltas de Luís da Silva tendo fundamento na relação econômica-social. Julião Tavares nesse instante marca o ponto alto da rivalidade com Luís intensificada pelo impulso do protagonista de matá-lo. O assassinato de Julião Tavares representa a catalisação das frustrações de Luís com a modernidade em uma sociedade de consumo, e enfatiza a repugnância com a vida capitalista, que em sua vida marca o declínio das relações pela liquefação dos laços afetivos.

Por fim, após evidenciar sobre a relação de Luís com Marina, e, em seguida, trazer à tona a figura de Julião Tavares, ressalta-se às bases para a relação líquida a partir das questões ligadas ao mundo materialista, vindo com as noções de modernidade. O líquido nesse caso seria marcado pela idealização de uma vida baseada nas relações de consumo, das quais o preço é alto para quem não tem os meios para conquistar. A desgraça na qual se insere a relação líquida de Luís da Silva e Marina remonta todo o contraste para a entrada de Julião Tavares, detentor do prestígio capital que tanto Marina desejava ter.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nesta pesquisa, buscou-se responder, de modo geral: como a personalidade fragmentada e decadente de Luís da Silva em *Angústia*, de Graciliano Ramos, é construída, a fim de relacionar sua crise existencial aos aspectos de angústia e memórias com sua visão de homem do século XX? Para isso, analisou-se os aspectos da crise existencial do personagem fragmentado Luís da Silva, a fim de relacionar sua angústia e memórias com sua visão decadente do mundo. O *corpus* utilizado nessa vertente partiu, como já relatado, da leitura do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos.

Por meio da criação literária afirma-se que os discursos estão, respectivamente, respaldados com a perspectiva da análise e da crítica literária que promove a relação entre autor/obra/leitor, esse é o processo contínuo de aproximação das singularidades do texto literário. Assim, ao se utilizar da leitura de bases teóricas como Bauman (2004); Berman (1986); Halbwachs (1990); Freud (2014); Hall (2006); Kierkegaard (2017); Lacan (2005); Pollak (1992); Sartre (2007) entre outros, expressou-se o desejo de adentrar todo o mundo que porventura a literatura tem por si só em relacionar de forma ficcional e verossímil às camadas sociais. Todavia, as possíveis discussões da temática, sobretudo em sua característica ligada, evidentemente, à literatura, tornou-se uma via de mão dupla ao se traçar com clareza as referências apresentadas. De modo geral, ficou evidente que o romance de Graciliano Ramos marca a sociedade e o período de sua publicação combinando com as noções de pensamento do indivíduo daquela época.

Mediante ao problema de pesquisa, julgou-se necessário fazer esse apanhado para se chegar a uma conclusão possível da construção do personagem principal do romance. Consequentemente, a análise crítica da obra reverbera as nuances da própria crítica, cujo teor de conhecimento dos conceitos apresentados pelos autores sobre a relação homem/mundo firmam a função da construção de urgência do romance. O homem na obra ganhou um destaque totalmente proposital aos modelos impostos pela sociedade que de alguma maneira contribuiu para sua construção fragmentada. Em suma, o sujeito do século XX não estava preparado para a mudança ocorrida no mundo, nem mesmo teria como fazê-lo, pois sua condição humana foi trilhada pelas ocorrências da existência, resultado da liberdade do homem. Certos fatores relacionados à angústia e memória contribuíram para a decadência de Luís da Silva na obra de Graciliano Ramos, ante o seu comportamento, viabiliza-se as condições humanas com a negação do pensamento do indivíduo que estava acomodado com uma infância decadente, mas, ainda assim, sustentada pelo avô.

As inconstâncias da angústia existencial do personagem extrapolam o ideal da mente conturbada de alguém que tornou-se adulto com seus trinta e cinco anos, funcionário público que conta ordenados para seu sustento. O apego às lembranças do passado transformam-se de fato em acalento, dando a Luís da Silva, em certos momentos, um tom de refúgio do mundo atual. Nesse contexto, afirma-se que o problema de pesquisa obteve sua resposta significava, pois ao apoiar as bases de discussões teóricas ao longo do processo de construção da análise, as questões impostas pela obra compuseram o contexto da pesquisa do personagem e sua identidade fragmentada. Após os direcionamentos apontados para os conceitos, destaca-se que Luís da Silva foi um indivíduo cujo padrão de vida leva-o a ser um ser sem perspectiva. Sua trajetória marca o distanciamento com a sociedade que ele tanto abomina no romance.

O ambiente citadino mostra que o personagem não consegue se relacionar com as pessoas por ter uma natureza diferente – sujeito do campo. Ora, Luís reverbera a condição do típico homem rural, visto que sua personalidade é abalada com coisas que o fazem lembrar de acontecimentos em dado momento de sua existência no campo; a angústia do personagem provoca o desconforto de sua consciência fragmentada, chegando a afetar a ter mesmo suas lembranças. Para tanto, o monólogo é construído a partir dos recortes desses acontecimentos que voltam a sua mente frenética. Em decorrência disso, percebe-se que o ambiente claustrofóbico onde reside vincula a impossibilidade imposta pela modernidade, dada a circunstância de chegar apenas a uma parcela da sociedade, deixando os mais vulneráveis a sua própria sorte. Vale lembrar que Luís viveu após a decadência da família como retirante até chegar na vila e encontrar o trabalho de funcionário público.

Diante disso, o romance trata da vida de Luís da Silva apresentando por meio do seu monólogo a consequência imposta pela modernidade. Em *Angústia* encontra-se o processo de construção do sujeito que representa seu próprio mal, os efeitos trazidos pelo mundo moderno provoca na consciência um abalo totalmente insuperável pelo personagem que ao longo do monólogo cria situações que ele resolve tendo que abrir mão de sua dignidade humana. Assim seu discurso se constrói de forma abrupta, que no final da obra não tem mais salvação, pois as (in) constâncias do meio transformam-no em um sujeito decadente. Além disso, a fineza dessa decadência é posta na obra de uma maneira tão volúvel que o leitor consegue compreender o exato momento dessa situação decadente com as mudanças repentinas de comportamento do personagem.

Por fim, ressalta-se que as discussões aqui apresentadas propõem ainda esse processo de leitura e releitura, dando sempre lugar a interpretações diversas, porque na realidade a pesquisa cria possibilidade para o destino de outros interesses que são acometidos à medida que

ocorre interesse por um estudo que deixa claro que sua finalidade é propor reflexões conjuntas ao meio científico. A pretensão de continuidade desta pesquisa se concentra na produção de um artigo, a fim de contribuir com a fortuna crítica, e posteriormente pensado em ingressar no mestrado.

REFERÊNCIAS.

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. E-pub. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: aventura da modernidade**. 1. reimpressão. São Paulo: Ltda, 1986.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Ltda, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira, volume III: desvairismo e tendências contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2019.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social. Estudos históricos**. 5. vol. Rio de Janeiro: 1992.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 94. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- VELLOSO, Monica Pimenta. **História e modernismo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.